

**IZABEL CRISTINA MENDEL DE SOUZA  
ESTHER KUPERMAN**

**ERA UMA VEZ... OUTRAS HISTÓRIAS:  
narrativas negro-afetivas na construção  
de infâncias antirracistas**



  
IMPERIAL  
editora

**RIO DE JANEIRO,  
2026**

**ERA UMA VEZ... OUTRAS HISTÓRIAS:  
narrativas negro-afetivas na construção  
de infâncias antirracistas**



**IZABEL CRISTINA MENDEL DE SOUZA  
ESTHER KUPERMAN**


# **ERA UMA VEZ... OUTRAS HISTÓRIAS: narrativas negro-afetivas na construção de infâncias antirracistas**



**1ª Edição**



**RIO DE JANEIRO, 2026**



**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

S729 Souza, Izabel Cristina Mendel de  
Era uma vez... outras histórias : narrativas negro-afetivas na  
construção de infâncias antirracistas / Izabel Cristina Mendel de Souza,  
Esther Kuperman. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2026.

100 p.

Bibliografia: p. 98-100.

ISBN: 978-65-5930-226-4.

1. Educação infantil - Estudo e ensino. 2. Literatura infantil. 3.  
Identidade racial. 4. Antirracismo. 5. Decolonialidade. 6. Literatura  
infantil afro-brasileira. 7. Crianças negras. I. Kuperman, Esther. II.  
Colégio Pedro. II. III. Título.

CDD 372.21

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.





Fonte: Imagem criada pelo site Copilot, 2026.

“Preta, pinta  
O mundo com seu tom  
Que essa tua negra tinta  
Fará brotar a cor nessa cidade, cinza  
Que tanto te negou, mas, ô, preta, pinta.”

Bia Ferreira

## RESUMO

Este Produto Educacional foi desenvolvido em diálogo com a Dissertação: HISTÓRIAS QUE EMPODERAM: literatura negro-afetiva na promoção do antirracismo e no fortalecimento da identidade da criança negra. Ambas as produções emergem das reflexões tecidas no campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais, no âmbito do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, do Colégio Pedro II. O caderno pedagógico tem como objetivo oferecer um material sensível e provocador que articule teoria e prática, apresentando sugestões de literaturas negro-afetivas, bem como propostas de práticas pedagógicas comprometidas com os princípios de uma educação antirracista. A pesquisa nasce da necessidade urgente de favorecer práticas pedagógicas que promovam a representatividade étnico-racial no espaço escolar. Parte-se do compromisso de contribuir para a construção de ambientes educativos mais equitativos, nos quais crianças negras possam se reconhecer, se valorizar e se sentir representadas, rompendo com padrões eurocêntricos historicamente reproduzidos, inclusive no campo da Literatura Infantil. Nesse contexto, foi realizado o curso de extensão: “Era uma vez...Outras Histórias: Literatura negro-afetiva na promoção de infâncias antirracistas”, concebido como um espaço de diálogo e reflexão entre educadores da infância. A formação enfatizou a importância da mediação de obras literárias protagonizadas e produzidas por autores(as) negros(as) destacando seu potencial na construção de identidades positivas e no enfrentamento do racismo. Como desdobramento das discussões e das contribuições docentes fomentadas nesse espaço de formação, foram elaboradas propostas didático-pedagógicas, que visam promover práticas educativas comprometidas com a valorização da identidade negra e a construção de uma educação verdadeiramente antirracista. Como arcabouço teórico, este estudo dialoga com Castilho (2004), Cavalleiro (2001, 2020), Debus (2006, 2016, 2017), Gomes (2003, 2012, 2017) e Rosa (2021, 2022), oferecendo subsídios para a compreensão crítica das Relações Étnico-Raciais e para a construção de práticas educativas comprometidas com a igualdade racial.

Palavras-chave: Educação Infantil; identidade racial; antirracismo; literatura infantil negro-afetiva.

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	8
COMO TUDO COMEÇOU.....	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
• O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA.....	15
• COLONIALIDADE.....	17
• DECOLONIALIDADE.....	19
• RACISMO ESTRUTURAL.....	21
• PRIVILÉGIOS DA BRANQUITUDE.....	23
• FORMAÇÃO DOCENTE.....	25
• LETRAMENTO RACIAL.....	26
LITERATURA INFANTIL.....	29
LITERATURA INFANTIL NEGRO-AFETIVA.....	37
SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS.....	40
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1: IDENTIDADE.....	57
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2: REPRESENTATIVIDADE.....	71
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3: AFRICANIDADES.....	80
SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4: ESCRAVIZAÇÃO E RESISTÊNCIA.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
AS AUTORAS.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	98



# APRESENTAÇÃO

## *Olá, professora! Olá, professor!*


É com enorme prazer que apresentamos esse Produto Educacional cuidadosamente elaborado para instigar docentes e demais profissionais da Educação Infantil a contemplarem ações promotoras da igualdade racial em suas práticas cotidianas.

Este material é resultado das reflexões desenvolvidas no campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), elaborado em diálogo com pesquisa intitulada “HISTÓRIAS QUE EMPODERAM: literatura infantil negro-afetiva na promoção do antirracismo e no fortalecimento da identidade da criança negra”, desenvolvida no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB), do Colégio Pedro II, sob a orientação da Professora Dra. Esther Kuperman.

O objetivo do *e-book* é potencializar reflexões teóricas no campo da ERER e contribuir com sugestões de práticas pedagógicas antirracistas, a partir de obras literárias que contemplem o protagonismo negro de forma afetiva, sensível, digna, ética e respeitosa.

A trajetória de estudos desenvolvida no MPPEB culminou na realização do curso de extensão: “Era uma vez... Outras Histórias: Literatura negro-afetiva na promoção de infâncias antirracistas”. A formação foi direcionada aos profissionais da Educação Infantil e teve como objetivo promover reflexões sobre o letramento racial e evidenciar a potência da literatura infantil negro-afetiva no fortalecimento das identidades raciais e no enfrentamento do racismo no cotidiano escolar.

Ao longo do curso, as participantes foram convidadas a dialogar, compartilhar experiências e refletir coletivamente sobre suas práticas pedagógicas, reconhecendo a literatura como um caminho sensível e potente para a construção de infâncias mais justas, plurais e antirracistas.



Esse movimento de troca, escuta e aprendizagens compartilhadas favoreceu a análise crítica e validação do Produto Educacional, de forma dialógica e colaborativa. Este material reúne reflexões, experiências e proposições construídas coletivamente, com o desejo de inspirar novos docentes, ampliar olhares e fortalecer o compromisso com uma Educação Infantil comprometida com a equidade racial.

A primeira seção contempla a fundamentação teórica, visando ampliar a compreensão do(a) leitor(a) acerca do Letramento racial, refletindo sobre os impactos da colonialidade e do racismo estrutural na Educação Infantil. Neste primeiro momento, são tecidas reflexões acerca da forma como as obras literárias favorecem a perpetuação de práticas racistas e reforçam a lógica colonial de disseminação do conhecimento.

A segunda seção apresenta 50 títulos de obras negro-afetivas, acompanhadas de suas respectivas sinopses. Em algumas obras, o leitor também encontrará *links* que direcionam para vídeos de contação das narrativas, ampliando as possibilidades de mediação e conhecimento acerca das histórias.

Na terceira e última seção, são propostas estratégias de enfrentamento do racismo por meio de sugestões didático-pedagógicas que dialogam com a temática racial e contribuem para a implementação da Lei nº 10.639/2003 no cotidiano da Educação Infantil.

Convidamos todos os profissionais da infância a se apropriarem deste material como fonte de inspiração e provocação. Mais do que apresentar caminhos prontos, este caderno pedagógico pretende instigar novos olhares, despertar inquietações e ampliar possibilidades de atuação pedagógica. Acreditamos que juntos podemos transformar o ambiente escolar em um espaço no qual todas as crianças sejam vistas e todas as infâncias sejam reconhecidas, representadas e valorizadas.

As autoras

## COMO TUDO COMEÇOU...

O interesse pela pesquisa surgiu durante as vivências em uma Unidade Municipal de Educação Infantil, localizada em um bairro periférico do município de Niterói, Rio de Janeiro. Nesse contexto, percebi que muitos educandos negros de 3, 4 e 5 anos não aceitavam, seus traços e nem se representavam como realmente eram.

Anualmente, observava que, nas propostas de autorretratos, as crianças negras desenhavam-se com fenótipos associados aos padrões europeus: com pele clara, cabelos loiros e olhos azuis. Essa representação me angustiava, pois evidenciava a construção de uma autoimagem negativa, logo nos primeiros anos de vida.

Outra questão que me inquietava era os comportamentos de superioridade de algumas crianças brancas frente às crianças negras, desprezando-as nas brincadeiras e nas interações cotidianas. Por vezes, presenciei falas excludentes na qual crianças brancas atribuíam um caráter negativo à cor da pele negra ou aos cabelos crespos.

Por reconhecer as lacunas da minha formação e o meu despreparo para trabalhar as questões étnico-raciais, optava por silenciar essas discussões, limitando-me a punir e repreender os comportamentos racistas e preconceituosos.

Cavalleiro (2020) ressalta que, quando os docentes ignoram o debate racial no cotidiano escolar, legitimam e reforçam práticas racistas. Com isso, os educandos percebem, por meio das atitudes, dos comportamentos e das linguagens, os diferentes lugares destinados às pessoas brancas e às pessoas negras dentro da escola. Essas posturas geram, nas crianças negras, o desejo de se tornarem brancas para eliminar o estigma associado à sua cor, cujos reflexos se manifestam nos autorretratos, na baixa autoestima e na dificuldade de autoaceitação, além de reforçarem atitudes excludentes e discriminatórias entre as demais crianças..

Os incômodos diante dessas situações, somados às lacunas percebidas em minha formação, impulsionaram-me a ampliar conhecimentos por meio de leituras e pesquisas sobre ações educativas voltadas para a promoção da igualdade racial na EI.

Neste percurso formativo, passei a identificar diversas posturas racistas e coloniais naturalizadas, tanto em minhas práticas cotidianas, quanto no espaço escolar.

Inicialmente, constatei que priorizava nas rodas de leitura narrativas eurocêtricas, ou seja, literaturas que reforçavam o fenótipo, a cultura, as histórias de perspectivas europeias. Dessa forma, quase não ofertava para as crianças narrativas afro-brasileiras, nem disponibilizava acesso às obras literárias protagonizadas por personagens negros (as).



Fonte: Google imagem, 2026.



Fonte: Google imagem, 2026.

É importante reconhecer que o processo de formação da subjetividade é atravessado pelos referenciais simbólicos, históricos, culturais e sociais que integram o universo do indivíduo. Esses referenciais podem tanto potencializar a construção de uma identidade fortalecida, quanto atuar na deformação da subjetividade e na negação da autoimagem, por meio da reprodução de estigmas, preconceitos e abordagens discriminatórias. Em outras palavras, as identidades podem ser valorizadas pelos referenciais positivos, ou deformadas pelos negativos.

Ao negligenciar narrativas que contemplassem o protagonismo negro positivado, estava negando as crianças negras o direito de se reconhecerem e se sentirem representadas na literatura.

É importante entender que não só a ausência das obras literárias negras pode abalar a autoestima infantil. A utilização de literaturas de protagonismo negro que contenham representações equivocadas também contribuem para fragilizar a autoimagem da criança. De igual modo, obras que apresentam personagens negros representados a partir de estereótipos, ou que expressam o desejo pelo embranquecimento também afetam a construção da identidade racial.

Outro ponto importante, vivenciado em minha experiência profissional, foi o questionamento de uma aluna de 4 anos de idade acerca da ausência de bonecas pretas na escola. Após o levantamento, as crianças e eu constatamos que, nos espaços da sala de aula e da brinquedoteca, havia 51 bonecas, das quais 49 eram brancas e somente 2 pretas.


Dessa forma, conclui que a escola negava as crianças negras, que eram a maior parte do nosso público, o direito de se sentirem representadas também nos brinquedos, invisibilizando sua beleza, seus cabelos crespos, tranças e pluralidade.

Por fim, essas ausências levaram-me a entender que o problema não estava nas crianças negras, nem em suas formas de se perceberem e se representarem, mas estava estampado em nossas lentes eurocêntricas. Por meio de negações, discursos hegemônicos, silenciamentos, comportamentos racistas e práticas engessadas reproduzíamos o racismo estrutural, produzíamos a invisibilidade e a não-existência do ser negro no ambiente escolar (Gomes, 2003; 2017).

Nesse cenário, a predominância de referências marcadas pela branquitude – presentes em brinquedos, murais, desenhos animados e literaturas infantis – ensinava as crianças, desde cedo, que o padrão de beleza branco era o ideal a ser alcançado. Como consequência, as crianças negras passavam a internalizar tais referenciais e, muitas vezes, começavam a negar a si mesmas.



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot, 2026.



Era comum também restringir as atividades voltadas à valorização da cultura indígena e africana a momentos pontuais –por meio de histórias, pinturas e atividades vinculadas a datas comemorativas. Ao adotar tais práticas e limitar as rodas de leitura às narrativas protagonizadas, majoritariamente, por personagens brancos, acabava, de forma sutil e inconsciente, produzindo situações de constrangimento para a criança negra. Principalmente, por reforçar padrões idealizados de beleza que não expressavam a diversidade de existências presentes em nossa sala de aula.

Essa constatação evidenciou a necessidade de repensar práticas pedagógicas direcionadas à infância, ampliando o repertório literário oferecido, bem como os referenciais positivos, por meio de bonecas, vídeos, murais e atividades, de modo a favorecer representações mais diversas, inclusivas e plurais.

Vivemos um tempo em que as infâncias são fortemente atravessadas por discriminações, silenciamentos e estereótipos, que reforçam o racismo estrutural e ampliam as desigualdades.

Na Educação Infantil, onde se constroem as primeiras percepções de si e do outro, torna-se urgente a necessidade de desenvolver ações promotoras da igualdade racial, que valorizem a diversidade, reconheçam a história, a memória e a beleza afro-brasileira, como condição para o fortalecimento e reconhecimento das identidades negras.

Nesse sentido, a seleção crítica e intencional de obras literárias negro-afetivas, somado ao conhecimento adequado acerca da temática étnico-racial são elementos imprescindíveis para que o docente minimize o racismo que se manifesta no interior da escola e atue conscientemente na luta antirracista, promovendo o senso de pertencimento e o fortalecimento das identidades raciais das crianças negras.

# FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2025.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### O PERIGO DA HISTÓRIA ÚNICA

O título deste *e-book* – “Era uma vez... outras histórias” – se contrapõe à história única mencionada pela escritora nigeriana Chimamanda Adichie, que foi publicado posteriormente em um livro de mesmo título (Adichie, 2019).



Fonte: Google, 2026.




Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ&t=61s>.

Em sua palestra, a escritora relatou sobre os perigos de ouvir apenas uma versão dos fatos, pois essa compreensão limitada e unilateral acerca do outro propaga estereótipos e visões distorcidas da realidade.

A história única, segundo a escritora, é a versão da narrativa contada sobre um determinado povo que, geralmente, é sob as lentes e perspectivas europeias, também chamadas eurocêntricas. Essas histórias unilaterais refletem principalmente as estruturas hierárquicas de poder de quem, como e sobre quem são narradas.

Na juventude, quando foi estudar nos Estados Unidos, Adichie constatou que o imaginário da maior parte dos seus colegas de classe acerca da África era marcado pela pobreza, guerra, fome, doenças e sofrimento, ignorando a diversidade cultural, econômica e social do continente.



Em minha infância e adolescência, também internalizei um imaginário bastante distorcido acerca do continente africano. Nas representações dos livros didáticos, estavam sempre presentes pessoas tristes, carentes e em situação de vulnerabilidade social. Quando estudava sobre escravização, predominavam imagens de passividade e submissão dos escravizados e pouco se falava sobre os processos de resistência e todas as lutas e contribuições históricas e culturais do povo negro.

Por isso, ao ler os relatos de Adichie(2019), me identifiquei imediatamente com seus colegas de classe, que possuíam visões simplistas e estereotipadas dos múltiplos povos e culturas presentes em um território tão potente, vasto e complexo.

Nesse sentido, é imprescindível olhar através de outras lentes para reconhecer as múltiplas histórias e perspectivas, pois, só assim, desconstruiremos a história única e combateremos preconceitos.

Adichie (2019) nos diz ainda que todas as histórias importam. Estas “foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (p. 32).

Nesse sentido, romper com as histórias únicas e contemplar, no cotidiano escolar, as múltiplas “leituras de mundo”, memórias e culturas de forma crítica, ética e coerente é imprescindível para que todos os povos sejam humanizados, valorizados e respeitados em sua riqueza, singularidade e multiplicidade.

Por muitos anos, aprendemos, enquanto alunos, e reproduzimos, em nossas práticas educativas, enquanto educadores, as histórias únicas dos povos africanos e indígenas de forma incompleta, estereotipada, simplória e deturpada, reforçando padrões estéticos e imaginários hegemônicos da única verdade conhecida acerca do outro. Com isso, inconscientemente, reproduzimos a colonialidade do poder.

## COLONIALIDADE


Sabemos que a História do Brasil é marcada por séculos de exploração, desumanização, opressões e resistências. Essas marcas refletem diretamente nas hierarquias sociais, raciais, epistemológicas e modos de produção, gerando privilégios e desigualdades estruturais.

O reflexo dessas dinâmicas sociais impacta, inclusive, as construções das identidades raciais. Para entender esses impactos individuais, é importante conhecer o processo histórico que gerou esses atravessamentos.

No período do colonialismo, a América foi submetida a uma lógica de opressão tão violenta e danosa quanto a própria escravização: a colonialidade. Este foi um termo formulado pelo grupo de intelectuais latino-americanos que refletem acerca das proposições Modernidade/Colonialidade (M/C), objetivando definir a ideia de rebaixamento existencial dos povos tidos como “colonizados” (Pinheiro, 2023).

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), um dos estudiosos da perspectiva M/C, afirma que a Modernidade não pode ser compreendida como um projeto emancipador europeu, associado ao progresso, à racionalidade e ao desenvolvimento. Ao contrário, essa lógica é, na verdade, uma estratégia fundamentada na imposição de padrões de comportamento, conhecimentos, teorias e valores como paradigmas universais de perspectivas europeias.

Em outras palavras, Quijano esclarece que o saber produzido na Europa foi, no período do colonialismo, instituído como racional, universal e legítimo, consagrando-se como um saber superior a todas as demais formas de conhecimento.



Esse processo fomentou a disseminação da perspectiva eurocêntrica do saber, através da ideia de que apenas determinadas epistemologias, teorias e paradigmas eram científicos.

Assim, a lógica de Modernidade propagou-se, a partir do contato com a América, constituindo-se por meio de uma violência simbólica, que estabelecia a racionalidade europeia como verdade universal, negando a racionalidade do outro não europeu (Oliveira, 2016). Conseqüentemente, reduziu os saberes produzidos por povos africanos, indígenas e latino-americanos à condição de mito ou folclore, desqualificando outras existências, histórias e culturas fora do eixo-norte do mundo. Nesse processo, operou como estratégia de dominação física, ideológica, simbólica e material.

Dessa forma,

[...]os colonizadores passam a ocupar um lugar central geográfico e epistêmico, relegando o novo mundo – a América – a um passado mítico, natural, selvagem e primitivo. Ou seja, a partir do século XV, a Europa construiu uma razão científica universal em detrimento da razão do outro, os povos colonizados. Neste processo foi necessário tornar invisíveis histórias e dinâmicas sociais com base no que denominamos racismo epistêmico. (Oliveira; Silva, 2019, p.9)

Segundo os autores, o racismo epistêmico refere-se ao processo de inferiorização e deslegitimação dos conhecimentos não ocidentais. Este opera através da negação da racionalidade dos povos colonizados.

Na atualidade, o racismo epistêmico se propaga, nas instituições escolares e universidades, quando são privilegiados no currículo e materiais didáticos saberes e teorias que só evidenciam intelectuais europeus e norte-americanos, naturalizando os conhecimentos ocidentais, em detrimento dos saberes não ocidentais. Essa lógica hegemônica molda valores, culturas, imaginários e reverbera na autoimagem dos povos.

Nesse sentido, a educação escolar se torna um mecanismo de violência simbólica e ideológica, que propaga e legitima a perspectiva hegemônica do conhecimento. Dessa forma, opera na reprodução de

narrativas que marginalizam, oprimem e invisibilizam os povos originários e afro-brasileiros.

Assim, a educação atua na perpetuação do que Quijano (2005) definiu como colonialidade do poder. Segundo o autor, esse termo refere-se à invasão da mente e do mundo do colonizado, com o objetivo de reproduzir a perspectiva do colonizador.

A colonialidade do poder é uma forma de dominação que vai além da força física: ela opera na subjetividade do indivíduo. Ou seja, atua no modo como as pessoas pensam, sentem e se percebem no mundo. Essa estrutura de poder faz com que a pessoa admire tudo aquilo que vem da Europa: os saberes, a cultura, as roupas e a aparência. Ao mesmo tempo, desvaloriza e invisibiliza os saberes, as culturas e as identidades dos outros povos.

Com isso, muitas pessoas passam a desejar se parecer com aqueles que as oprimem, adotando seus padrões e rejeitando suas próprias origens. Assim, a desigualdade se mantém não apenas nas relações sociais, mas também no imaginário, através da forma como aprendemos a enxergar a nós mesmos e aos outros.

## DECOLONIALIDADE

Com o objetivo de questionar a lógica colonial, estudiosos do grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) passaram a denunciar as formas como a colonialidade se propagava, especialmente por meio do controle do conhecimento e da valorização do eurocentrismo nas instituições sociais, culturais e educacionais.

Nesse contexto, surgiu o conceito de decolonialidade.

A decolonialidade representa um pensamento crítico que nasce das vozes historicamente silenciadas. Ela se opõe à ideia de que existe apenas uma forma de conhecimento válido e propõe dar visibilidade e legitimidade aos saberes, culturas e experiências de povos que foram marginalizados ao longo da história (Walsh; Oliveira; Candau, 2018).

Na educação, a pedagogia decolonial propõe práticas críticas e inclusivas, desafiando narrativas coloniais e promovendo um ambiente

escolar mais democrático, plural e multicultural, alinhado às múltiplas identidades presentes no Brasil.

No campo da educação, essa perspectiva se traduz na chamada pedagogia decolonial, que vai além dos limites da escola. Ela valoriza conhecimentos que foram ignorados ou desqualificados pela lógica colonial, além de reconhecer as experiências políticas, sociais e culturais construídas nas lutas dos povos subalternizados. Esses saberes não são apenas conteúdos, mas fazem parte de um projeto político que se reflete nas práticas educativas. (Walsh; Oliveira; Candau, 2018).

Adotar uma perspectiva decolonial na educação significa questionar as narrativas tradicionais e abrir espaço para a construção de um ambiente mais crítico, plural e democrático, que reconheça e valorize a diversidade que constitui a sociedade brasileira. Trata-se, portanto, de repensar o que ensinamos, como ensinamos e quais vozes estamos contemplando nesse processo.

Assim, a decolonialidade não propõe negar a Modernidade, mas sim problematizar suas estruturas coloniais, reconhecendo que existem múltiplas formas de produzir conhecimento. Ao valorizar essa pluralidade, torna-se possível construir práticas educativas mais justas e comprometidas com a transformação social (Oliveira; Silva, 2019).



Fonte: Imagem do Canva, 2025.

Em suas reflexões Quijano (2005) salientou que, a partir da constituição da América e do capitalismo colonial, sob perspectiva e ideologia europeias, surgiu um novo padrão de poder, que fundamentava-se na ideia de raça e de origem social, como forma de classificar e hierarquizar a população. Essa ideia tornou-se o principal elemento constitutivo das relações de dominação entre conquistadores e conquistados, que situava a superioridade de uns sobre os outros, operando também nos modos de produção e divisão social e racial do trabalho (Wash; Oliveira; Candau, 2018).

Assim, os povos dominados eram subjugados e inferiorizados, bem como seus saberes, culturas e traços fenotípicos. Pinheiro (2023) corrobora afirmando que, após a imposição do conceito de raça como um marcador de diferenciação e dominação, surgiu também o racismo como um sistema de opressão, que se estabeleceu em todas as estruturas da sociedade.

## **RACISMO ESTRUTURAL**

É necessário entender que o racismo não deve ser compreendido como uma opressão que se limita a manifestação de preconceitos e comportamentos individuais. Na verdade, este é um sistema amplo e complexo de opressão, que atravessa a história e permanece enraizado em todos os âmbitos sociais, políticos, econômicos e culturais de maneira estrutural (Ribeiro, 2019).

O que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural. A questão é o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista [...], isso não seria suficiente - a inação contribui para perpetuar a opressão. (Ribeiro, 2019, p.14)

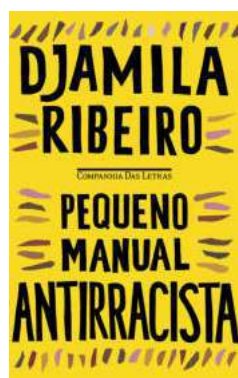
Dessa forma, não se elimina o racismo no Brasil apenas combatendo as atitudes individuais. Tendo em vista que este problema é estrutural. Ou seja, está arraigado nas instituições, nas leis, nas escolas, na mídia, nos livros, nos discursos, na língua, nas oportunidades de trabalho, estabelecendo quem tem mais acesso, visibilidade, direitos e privilégios.

No entanto, não devemos nos intimidar diante desse amplo desafio e precisamos combater o racismo em todas as suas esferas.

Na prática, o racismo estrutural se manifesta quando, por exemplo, as escolas invisibilizam as contribuições da cultura africana e afro-brasileira e supervalorizam as referências europeias. No mercado de trabalho, quando limita o acesso das pessoas negras aos cargos de liderança. Ou, nos espaços públicos, quando jovens negros são constantemente abordados por seguranças ou policiais.

Infelizmente, o racismo é uma realidade cotidiana que se (re)produz nas estruturas de todos os segmentos da nossa sociedade, e se manifesta, principalmente, nas instituições escolares. Dessa forma, faz-se necessário ampliar o letramento racial entre docentes, de modo que a qualificação profissional reverbere em intervenções pedagógicas de perspectivas antirracistas. Certamente, essas ações impactarão diretamente a formação identitária, crítica e econsciente de todos os sujeitos envolvidos.

Sugestões de leituras fundamentais para aprofundar essa discussão:



Fonte: Google, 2026.

No livro: "O Pequeno Manual Antirracista", Djamila Ribeiro propõe reflexões e ações práticas para o enfrentamento do racismo na sociedade. A autora destaca que o racismo é estrutural e que ser antirracista exige consciência, posicionamento e prática contínua.

No livro: "Como ser um educador antirracista", Bárbara Carine propõe uma reflexão profunda sobre o papel da educação no enfrentamento do racismo. A autora defende que não basta cumprir leis ou incluir conteúdos pontuais: é necessário transformar toda a prática educativa. Assim, a obra aponta para a urgência em decolonizar o currículo escolar, valorizando saberes africanos, afro-brasileiros e indígenas.



Fonte: Google, 2026.

## PRIVILÉGIOS DA BRANQUITUDE

O racismo, ao restringir direitos e produzir desigualdades, acaba perpetuando o lugar social de privilégios da população branca. Esse *lócus* privilegiado é proveniente da hegemonia branca nos espaços de poder e da opressão sobre os grupos excluídos e estigmatizados (Ribeiro, 2019). Segundo Bento (2022), esse lugar privilegiado da população branca se fortalece e se perpetua por meio do pacto da branquitude.

Em suas experiências profissionais, Cida Bento (2022) observou que, nas relações das empresas em que trabalhava, predominava um fenômeno responsável por estabelecer hierarquias raciais nas dinâmicas de poder. Essas hierarquias eram sustentadas por homens brancos, e configuravam-se como um “pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios” (p.18). Esse pacto funcionava como um mecanismo de autopreservação entre seus pares. Como consequência, ocorria um “aprisionamento” do outro – do diferente – em um lugar de inferioridade.

O pacto da branquitude opera também na escolha de sujeitos brancos em processos seletivos, considerando-os mais capazes e aptos ao cargo, desqualificando o preparo e a capacidade das pessoas negras. Opera, ainda, na supremacia branca nas universidades, nos espaços de poder, nos grandes cargos e nas organizações públicas e privadas. Dessa forma, “o herdeiro branco, se identifica com outros herdeiros brancos e se beneficia dessa herança, seja concreta, seja simbolicamente.” (Bento, 2022, p.24)

Pode-se dizer que os privilégios da branquitude referem-se às vantagens históricas e sociais atribuídas as pessoas brancas, muitas vezes, percebidas como naturais ou invisíveis. Em outras palavras, trata-se de uma lógica que organiza oportunidades e privilégios para a população branca, enquanto exclui e marginaliza a população negra.

Kilomba (2020) ressalta que essa hierarquia racial estabelece os corpos negros como inferiores, impróprios e que estão fora do lugar, constituindo-se como corpos que não podem pertencer. Dessa forma, os corpos brancos podem transitar livremente pelos diversos espaços sociais, enquanto os negros são constantemente humilhados e questionados nos mesmos espaços de circulação.

No ambiente escolar, esses privilégios podem ser observados, na predominância de personagens brancos nos materiais didáticos ou na valorização de determinados padrões estéticos em murais e atividades. Conscientizar-se destes privilégios é essencial para desconstruir práticas excludentes e promover ambientes mais plurais e inclusivos.

Podemos ampliar essas reflexões a partir da leitura dos livros abaixo.



Fonte: Google, 2026.

Na obra: “O pacto da branquitude”, a autora Cida Bento denuncia como as relações de poder são organizadas e hierarquizadas racialmente, constituídas por um pacto não declarado, que opera na promoção das desigualdades sociais. Ela defende a urgência em reconhecer os privilégios da branquitude para construir relações mais justas e antirracistas.

Na obra: “Entre o encardido, o branco e branquíssimo”, a autora Lia Schucman analisa como pessoas brancas percebem a si mesmas, e retrata como estas, dificilmente, reconhecem seus privilégios raciais. A autora também evidencia que a branquitude funciona como um lugar de poder e vantagem, sustentado por normas sociais que favorecem quem está mais próximo do ideal branco, contribuindo para a manutenção das desigualdades raciais no Brasil.



Fonte: Google, 2026.

## FORMAÇÃO DOCENTE

Antes de avançarmos nessa discussão, é essencial fazer uma pausa para voltar o olhar para nossa própria trajetória docente e revisitar, com honestidade, as práticas que temos desenvolvido na sala de aula. Esse movimento de reflexão não é apenas necessário – é transformador!

### PARA REFLETIR

- Quais discursos, olhares e práticas têm atravessado nossas ações pedagógicas?
- Estamos, de fato, promovendo experiências que afirmam a igualdade e valorizam a diversidade, ou seguimos reproduzindo referências limitadas e excludentes?
- O ambiente escolar e os recursos pedagógicos reforçam os padrões estéticos europeus, ou apontam para uma perspectiva plural, que acolhe, representa e legitima as múltiplas formas de ser, existir e se reconhecer no mundo?

Este é um debate amplo, que atravessa a temática racial e reverbera diretamente na construção da identidade.

A identidade racial refere-se ao modo como os indivíduos percebem a si mesmos e são percebidos pelos outros. É um aspecto fundamental da subjetividade da pessoa, podendo ser fonte de orgulho e resiliência, mas também pode ser uma questão problemática e conflituosa, principalmente, se considerarmos contextos onde o racismo predomina.

Dessa forma, é fundamental que o docente desenvolva práticas decoloniais e antirracistas, que valorizem as múltiplas culturas, promovam representatividade e minimizem a autorrejeição, o racismo e a discriminação no contexto educativo.

Acreditamos que todos os elementos deste amplo debate acerca dos impactos do racismo estrutural e da colonialidade na construção da identidade da criança negra, bem como a importância do letramento racial na formação docente, devem estar contemplados na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Uma vez que um documento normativo curricular que se propõe atender às escolas de norte a sul do país tem a responsabilidade de contemplar a pluralidade de corpos, belezas, culturas, conhecimentos e existências presentes na diversidade brasileira.

## LETRAMENTO RACIAL

Letramento é um termo que emergiu no campo da alfabetização, introduzido pela professora Magda Soares (2009) para se referir a utilização da leitura e escrita nas práticas sociais.

Segundo Rosa (2022), o conceito de letramento se ampliou e o termo se expandiu para diversas áreas do conhecimento, tais como letramento matemático, letramento digital, letramento científico. No campo da Educação para as Relações Étnico-Raciais, este conceito pode ser definido como “conceitos e conhecimentos de fatos históricos e episódios do cotidiano relacionados à temática negra e afro-brasileira.” (Rosa, 2022, p.32).

Podemos, então, definir letramento racial como a capacidade de analisar e posicionar-se criticamente diante das questões raciais na sociedade. Skerret (2011) *apud* Ferreira (2014) define o conceito como a compreensão crítica da forma como a raça impacta diretamente as experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais dos sujeitos na sociedade. Ferreira (2014) ressalta que para que possamos ter uma sociedade verdadeiramente justa, equitativa e igualitária, comprometida com o exercício da cidadania, faz-se necessário um processo de conscientização de homens e mulheres brancos(as) e negros(as) quanto às reflexões acerca da raça e do racismo.

É importante salientar que Letramento Racial não se limita a compreender as diferenças raciais, mas permite que o indivíduo reflita sobre o racismo e as estruturas de poder, de modo a perceber como estas afetam a sociedade e a vida da população, ampliando as desigualdades, restringindo direitos e conferindo privilégios.

Essa compreensão crítica e consciência histórica dos impactos do racismo na sociedade possibilita dialogar sobre as questões étnico-raciais de forma construtiva e capacita para a intervenção contra as injustiças sociais.

Segundo Rosa (2022), a apropriação do letramento racial impactará diretamente na diminuição das manifestações de comportamentos racistas nos espaços de convivência. Neste sentido, a literatura infantil constitui um dos instrumentos mais potentes de formação de subjetividades, desconstrução de lentes e fortalecimento identitário das crianças.

Ao integrar o letramento racial na prática educativa, estamos capacitando nossas crianças e jovens a se tornarem cidadãos conscientes, capazes de reconhecerem e enfrentarem as injustiças raciais. Desta forma, contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2026.

Refletir sobre essas questões é o primeiro passo para a construção de uma ação mais consciente, sensível e comprometida com a equidade.

Para desenvolver o letramento racial, é imprescindível que seja realizado um trabalho educativo eficiente, crítico e contextualizado em todos os segmentos da Educação Básica sobre os atravessamentos do racismo estrutural, dos privilégios da branquitude e suas consequências na sociedade e na vida da população negra.

Para isso, é fundamental que, primeiramente, haja capacitação inicial e continuada adequada dos docentes que atuam nas redes públicas e privadas de ensino, para atenderem as demandas da Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003). Pois, uma política curricular verdadeiramente democrática exige que as vozes negras e os saberes afro-brasileiros sejam reconhecidos, valorizados e integrados de forma transversal e estruturante no currículo e na qualificação profissional.

Nesse sentido, é importante formar intelectuais reflexivos e transformadores, capazes de enfrentarem o racismo a partir de uma prática pedagógica equânime, antirracista e comprometida com minimização das opressões e desigualdades estruturais.

É necessário compreender que o processo de construção identitária não se dá de forma isolada, mas é profundamente atravessado pelas experiências, narrativas, discursos e interações cotidianas. Sendo assim, o posicionamento do educador é fundamental e pode contribuir tanto para reproduzir e reforçar estereótipos e discriminações, quanto desconstruir as estruturas raciais historicamente consolidadas.



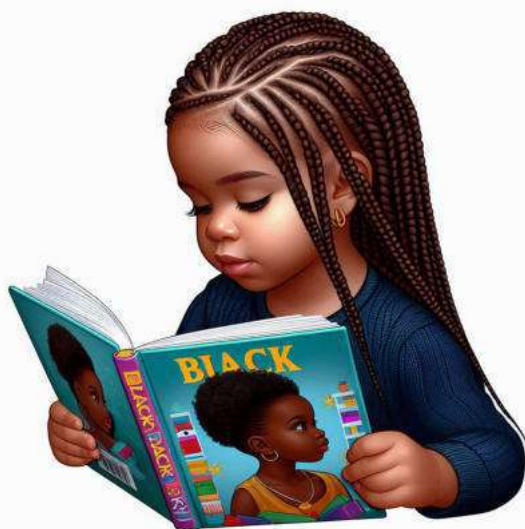
Fonte: Imagem criada pelo site Copilot, 2026.

# LITERATURA INFANTIL



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2026.

## LITERATURA INFANTIL




Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2026.

A literatura infantil tem um papel fundamental na formação da criança. Por isso é necessário estimular o hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam: na infância.

A literatura, enquanto linguagem estética, narrativa e simbólica, contribui significativamente para o desenvolvimento emocional, cognitivo, linguístico e social de indivíduos de todas as idades.

Na Educação Básica, de modo geral, e no cotidiano da Educação Infantil, especificamente, a obra literária desempenha importantes habilidades, como: o desenvolvimento do pensamento narrativo, promove a ampliação da linguagem e contribui com a capacidade de imaginar e interpretar emoções. Além disso, potencializa a formação ética e moral, ao possibilitar que as crianças compreendam a diversidade de experiências humanas, reconheçam diferenças e construam valores de respeito, solidariedade, igualdade e justiça social.

O trabalho com a literatura infantil exerce, sobretudo, um papel humanizador na formação do sujeito (Candido, 2004, *apud* Juliano; Debus; Bortolotto, p. 2016). Essa humanização ocorre por meio das partilhas de valores de natureza social, histórica, moral, ideológica e cultural, ampliando, assim, os conhecimentos de mundo. Dessa forma, favorece a produção de sentidos e aprendizagens acerca das múltiplas linguagens.



Quanto mais cedo pudermos apresentar à criança a arte literária em seus diversos gêneros e quanto antes ela perceber o prazer proporcionado pela leitura, maior será a possibilidade de tornar-se um adulto leitor.

Na educação voltada à infância, a leitura literária é explorada das mais diversas formas, tais como: rodas e salas de leitura, malas viajantes, biblioteca solidária, cantinhos da leitura, mostras literárias, brincadeiras com livros, dentre outros. Debus (2006) nos diz que as leituras literárias devem se fazer presentes na infância da mesma forma e com a mesma intensidade que o brinquedo.

É importante ressaltar que a obra literária, além de todos esses benefícios na formação do sujeito, também contribui para potencializar a construção positiva das identidades raciais, o empoderamento e a representatividade.

Contudo, se a literatura for utilizada sem a seleção crítica adequada, pode atuar no sentido oposto: reforçando estigmas, discursos coloniais hegemônicos e propagando ideologias racistas.

As obras do escritor Monteiro Lobato são exemplos de como a ideologia racista se legitima e se propaga por meio da literatura. É inegável que as produções do autor trouxeram uma nova abordagem no processo de introdução de uma literatura nacional direcionada à infância. Ele foi um escritor de grande relevância, que marcou muitas gerações.

No início do século XX, quando Monteiro Lobato publicou suas primeiras obras, o país estava passando por mudanças significativas, como o fim da escravização (1888), o início da República (1889) e estava imerso em graves desigualdades sociais.

Nesse contexto, Lobato começou a escrever para crianças e assim nasceu o famoso Sítio do Pica-pau Amarelo, que misturava fantasia, cultura popular e elementos do cotidiano. Seus livros trouxeram inovação ao valorizar personagens infantis curiosos, críticos e criativos, algo pouco comum para a época, pois as obras infantis anteriores eram traduções dos contos populares europeus.

Nas obras de Lobato, pode-se observar uma forte tendência nacionalista e a preocupação com as questões sociais e morais. Neste período, era crescente o desejo de estabelecer uma identidade própria, definida como brasilidade, a partir de novas referências estéticas, científicas e culturais (Gouvêa, 2005).

Contudo, Castilho (2004) denuncia que este autor foi um dos que mais evidenciou a negrofobia de forma tão forte e explícita. Os personagens negros eram apresentados como animais selvagens, ou como sujeitos passivos, ignorantes e submissos.

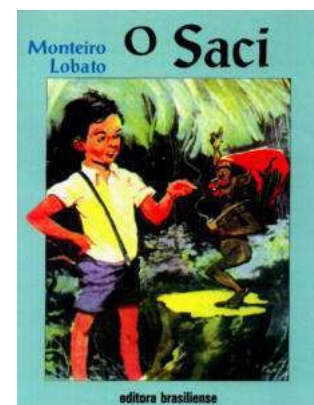
Tia Nastácia, a principal personagem negra do escritor, era constantemente humilhada por ser analfabeta, considerada feia e ignorante. Suas narrativas orais eram menosprezadas pelos demais personagens, refletindo uma aversão pela cultura popular. No livro: “Histórias da Tia Nastácia” (Lobato, 1937), a boneca Emília e a Dona Benta ressaltam total desprezo pelos contos narrados pela personagem negra.

Dessa forma, reforçava a valorização pela cultura letrada branca, enquanto desqualificava a cultura negra oralizada. As narrativas orais e o papel social da Tia Nastácia e do tio Barnabé demonstravam lugares de inferioridade na perspectiva dos outros personagens (Castilho, 2004). As vestimentas e os traços fenotípicos também eram representados de forma a depreciar todos os atributos destes. As roupas caracterizavam a pobreza e servidão, e a aparência provocava horror e desprezo pelo fenótipo negro.

Em algumas obras, as práticas religiosas dos personagens negros geralmente estavam associadas ao misticismo, credices e à feitiçaria.



Fonte: Google, 2026.



Fonte: Google, 2026.

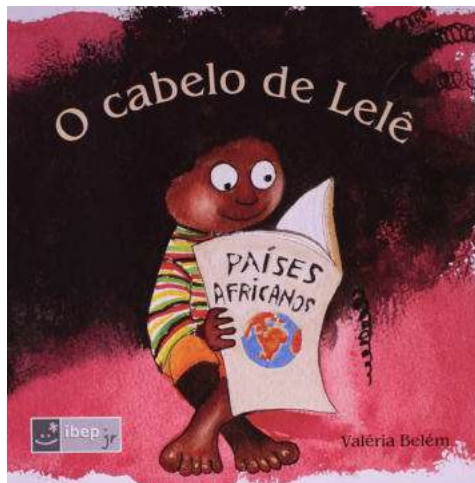
Tanto nas histórias de Monteiro Lobato, quanto nas obras que o sucederam, estão explícitas inúmeras marcas racistas e discriminatórias. Essas marcas estão evidenciadas na própria forma de nomear o personagem a partir do seu pertencimento racial, como se este atributo fosse a principal referência identitária do sujeito: “o preto velho”, “a preta velha”, “a negrinha”, “o pretinho” (Castilho, 2004).

Pode-se observar, então, que, em várias produções literárias nacionais direcionadas à infância a partir de 1920, estavam presentes ideais civilizatórios, que valorizavam o indivíduo branco, letrado e desprezavam a oralidade, as narrativas folclóricas, a religiosidade, os fenótipos e todos os valores e atributos que constituíam a existência negra.

Em narrativas mais atuais podemos ver presentes essas ideologias racistas e coloniais se disseminarem por meio de textos verbais ou imagéticos.

É importante entender que as imagens são importantes marcos na comunicação visual e estética do livro. Por isso devemos analisar com cuidado as representações gráficas presentes na obra, pois comunicam valores, visões de mundo e ideologias, muitas vezes, de modo sutil ou naturalizado.

Um exemplo sutil de como a imagem gráfica pode afetar a narrativa, prejudicando a autoimagem da criança e comprometendo a intencionalidade do autor, está na obra de Valéria Belém (2007) intitulada o “ O cabelo de Lelê”.



Fonte: Google, 2026.

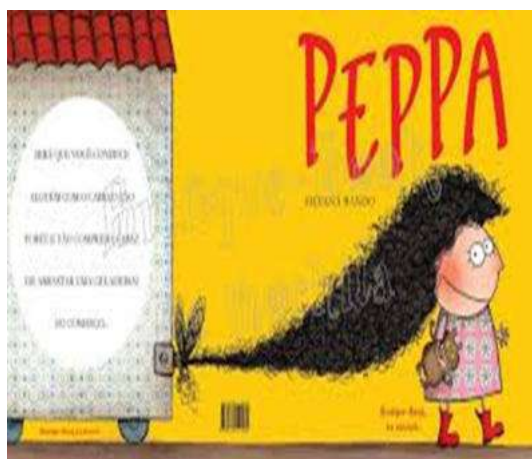
A narrativa busca valorizar a beleza e a autoestima da menina negra, que se encontra insatisfeita com seu cabelo crespo e, ao final, descobre, através de um livro, que a riqueza dos seus cachos descende da sua herança africana.

No entanto, a ilustração não se alinha ao objetivo da narrativa, pois os recursos visuais nos apresentam uma protagonista horrenda, disforme, descabelada, descalça e animalizada.

Além das imagens desalinhadas do objetivo da narrativa, outro ponto que merece destaque é o desconforto e o sofrimento da personagem, que pode acabar refletindo no sentimento de inadequação e autorrejeição da criança negra.

Esse tipo de literatura, se não for bem explorada, pode fomentar constrangimentos diante dos colegas e ampliar o desejo pelo embranquecimento por lembrar traumas cotidianos. Dessa forma, os elementos apresentados na obra podem reverberar em um processo de desumanização internalizada pela criança negra, ao ver a protagonista associada à feiura, à animalização, ao desconforto e à inferioridade. Com isso, ao invés de fomentar a representatividade e a identificação positiva pode, ao contrário, gerar uma autoimagem fragilizada.

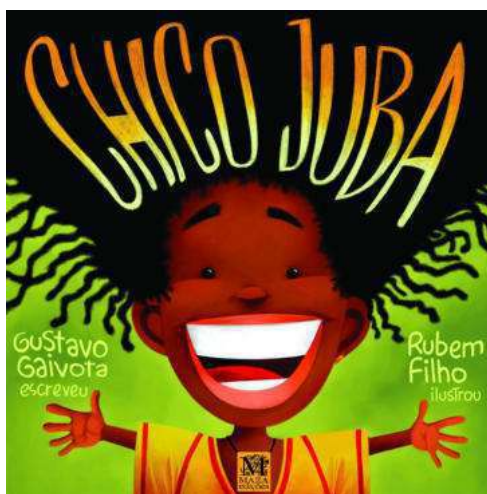
Outras obras que também propagam esse sentimento de inferioridade e inadequação são:



Fonte: Google, 2026.

Peppa, de Radon (2009), que retrata uma menina negra que se sente infeliz com seus cabelos naturais e sonha em poder alisar seus cachos. A narrativa contempla uma sequência de problemáticas presentes, tanto no texto verbal, quanto no visual e dissemina inúmeros estereótipos e discriminações grosseiras acerca dos cabelos crespos. Os fios são comparados ao aço, difíceis de cortá-los e usados para arrastar móveis e fechar embalagens.

Chico Juba (Gaivota, 2011) é um menino que enfrenta desconforto e rejeição em relação ao próprio cabelo, influenciado por comentários de pessoas que supervalorizam padrões estéticos eurocêntricos. Nessa obra, as crianças podem se identificar mais com a dor inicial do personagem do que com a sua superação, principalmente, se já vivenciaram situações humilhantes referentes aos seus cabelos crespos.



Fonte: Google, 2026.



Fonte: Google, 2026.

O livro: “Menina Bonita do laço de fita” rompeu com a hegemonia branca que predominava na maior parte das publicações da década de 80. Essa narrativa subverteu a lógica de valorização da estética eurocêntrica, ao enaltecer a beleza da criança negra, apresentando-a como referência de beleza, que contribuiu para desconstruir estereótipos.

Esta é uma narrativa que retrata a história de uma menina linda, alegre, amada e bem cuidada por sua família, sem crises com a autoimagem, sem carências ou insatisfações. Contudo, apesar de promover a valorização da beleza negra e favorecer uma interação afetuosa, com enredo envolvente, a obra apresenta inúmeras questões discutíveis no campo da temática racial.

Pode-se observar a ausência do nome da personagem, o que indica uma identidade fragmentada. Outro ponto questionável é a perspectiva do coelho sobre o corpo feminino negro, ao expressar um olhar de desejo, admiração e curiosidade, que reforça a ideia de sujeito objetificado, quase exótico.

A partir dos questionamentos do animal, a menina associa a sua cor à tinta preta, o que dá ideia de negritude comparada à sujeira, ou aquilo que pode ser removido. No desenrolar da história, quando a mãe da menina esclarece acerca da origem da cor da filha, apresenta uma explicação rasa, que desconsidera a ancestralidade africana e reforça a ideia de negritude desprovida de historicidade.

Esse silenciamento pode reforçar uma visão naturalizada da negritude, esvaziada de pertencimento histórico e cultural. Além disso, reforça estereótipos racistas, ao mencionar de forma pejorativa a “arte da avó”, o que simbolicamente remete à hipersexualização da mulher negra e ao imaginário colonial que associa o corpo da mulher negra à sensualidade.

Por último, é necessário ressaltar os problemas que residem na ilustração da personagem. Na obra, a menina é representada com traços caricaturais exagerados, como boca grande, lábios volumosos, muito vermelhos e olhos desproporcionais. Esses elementos visuais dialogam com a tradição racista da *blackface*, prática que historicamente ridicularizou e desumanizou pessoas negras, por meio da depreciação das suas características físicas.

É importante entender que algumas narrativas, mesmo as que tematizam a questão étnico-racial, e contemplam protagonismo negro, nem sempre contribuem para afirmar o pertencimento e a identidade racial. Ao contrário, através do reforçamento de estereótipos, agem no sentido oposto, promovendo o sentimento de inadequação, ativando gatilhos e propagando discriminações. Dessa forma, acabam reproduzindo o racismo, em vez de combatê-lo.

Castilho (2004) ressalta que essas obras literárias que trazem marcas de apagamento identitário e heranças coloniais são frequentemente utilizadas nas escolas.

Nesse sentido, é importante refletir acerca dos livros que circulam entre as crianças e a qualidade da narrativa que nós, educadoras e educadores, estamos ofertando. Ademais, é imprescindível compreender que a simples representação do negro em um livro de literatura infantil não garante o protagonismo e nem promove a representatividade capazes de fomentar a identificação positiva da criança negra.

Por isso é fundamental desenvolver um olhar crítico sobre a qualidade textual, a temática, a linguagem, a autoria e a qualidade gráfica presente na obra literária, pois todos estes elementos juntos comunicam mensagens que carregam múltiplos sentidos e interpretações.



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot, 2026.

# LITERATURA INFANTIL NEGRO-AFETIVA



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2026.

## Literatura Infantil negro-afetiva

A literatura infantil é um potente recurso de fruição, inventividade, ludicidade, letramento e aprendizagens, que pode potencializar reflexões importantes acerca das identidades e das questões étnico-raciais.

Dessa forma, a literatura infantil pode ser utilizada como uma aliada na formação de leitores críticos, podendo se tornar uma porta de entrada para promover a educação antirracista de forma leve, agradável, lúdica e significativa.

É importante reconhecer o potencial emancipatório e transformador da literatura negra. Para a criança negra, em especial, o contato com narrativas que afirmam sua existência, beleza e história constitui um movimento de reparação no resgate de saberes, valores e culturas que foram silenciados e desqualificados historicamente. Esse resgate das histórias outras (Gomes, 2012), através das obras literárias que contemplam protagonismo e autoria negras, atua diretamente na minimização dos efeitos das heranças coloniais, na valorização da identidade negra e no enfrentamento ao racismo estrutural.

Para isso, é necessário esclarecer que as produções literárias que abarcam a temática étnico-racial podem ser classificadas de diversas formas, de acordo com a autoria, temática, público ou intencionalidade. Aqui, as definições que nos interessam compreender são: literatura africana, literatura afrocentrada, literatura afro-brasileira e literatura negro-afetiva.



**Literatura africana** é a obra marcada pela autoria africana ou ambientada em contextos culturais e históricos do continente africano. Geralmente, tais narrativas expressam saberes, tradições orais, mitos, valores comunitários, diversidade linguística e cosmologias das diferentes regiões da África. Muitas vezes, trazem a oralidade como matriz narrativa e personagens que refletem a vida cotidiana, as ancestralidades e os desafios sociais do continente.



**Literatura afrocentrada** é a obra que contempla a perspectiva africana e afrodiaspórica, valorizando epistemologias e referências do povo negro como protagonistas e criadores de sentido, e não apenas como representações ou temas. Estas narrativas reinterpretam o mundo a partir de valores civilizatórios africanos, como: ancestralidade, oralidade, coletividade, espiritualidade. Tais obras priorizam o protagonismo dos personagens negros, autoria negra e visão de mundo negra.



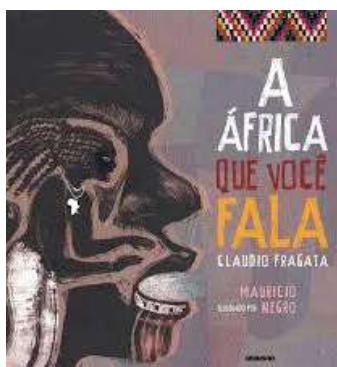
**Literatura afro-brasileira** tem como foco a experiência, a cultura e a identidade negra no contexto brasileiro. Duarte (2009) a define como um conceito ainda em construção, cujos critérios são: a autoria negra; a temática - que precisa conferir centralidade ao negro -; a visão de mundo - adotada pelo autor que se afirma e quer ser negro-; a linguagem - com discursividade cuidadosa e específica, rompendo com estereótipos presentes na língua -; direcionamento ao público-leitor afrodescendente.



**Literatura negro-afetiva** é uma vertente da literatura afro-brasileira e afrocentrada que busca reparar afetivamente as dores históricas do racismo, produzindo narrativas que celebram o amor, o acolhimento, o cuidado, o orgulho, o pertencimento racial e a autoestima negra. O termo foi introduzido por Sônia Rosa (2021) e está ligado à ideia de que o afeto é também um ato político e pedagógico.

A literatura infantil negro-afetiva surge como um instrumento de (trans)formação social, cultural e educativa. Ao apresentar protagonistas negros (as), narrativas positivas e imagens representativas, ela contribui para valorizar e afirmar a identidade da criança negra e para desconstruir preconceitos e estereótipos nas demais. Assim, a obra literária deixa de ser apenas um recurso de fruição e torna-se um instrumento de reparação, emancipação e pertencimento.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2005

Título: A África que você fala

Autor: Cláudio Fragata

Sinopse: Você pode até não perceber, mas usamos muitas palavras com origem africana no dia a dia. De forma leve e divertida, A África que você fala faz um passeio por palavras que pegamos emprestadas de idiomas como quimbundo, iorubá, jeje e banto.

**Contaço em vídeo**



Fonte: Google, 2026

Título: A pele que eu tenho

Autora: bell Hooks

Sinopse: A pele que eu tenho trata do tema da raça e do perigo de julgar uma pessoa no primeiro olhar. A cor da nossa pele é apenas uma cobertura. Para conhecer uma pessoa de verdade, é preciso enxergar além da aparência. Abrir bem o coração, encontrar no outro tesouros guardados e livrar-se de preconceitos e estereótipos. A pele que eu tenho celebra a individualidade e leva aos pequenos uma mensagem forte e atemporal sobre amor e respeito ao próximo.

**Contaço em vídeo**



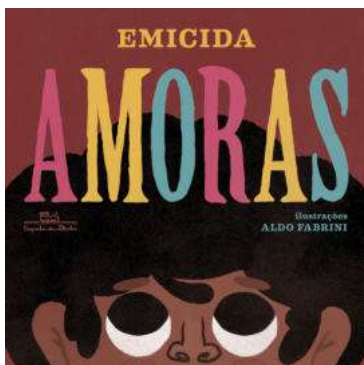
Fonte: Google, 2026

Título: A Preferida do Rei

Autor: Toni Brandão

Sinopse: Marisa era uma moça linda que vivia em uma aldeia e que só queria se casar quando se apaixonasse por alguém. A moça recusa até mesmo a proposta do rei. Inconformado, o soberano vai até a aldeia, dá a Marisa uma canga vermelha e pede que a use no dia do casamento. Mas Marisa foge de seu destino e nunca mais é vista.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

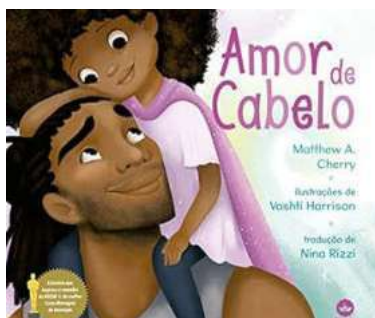


Título: Amoras

Autor: Emicida

Ilustrador: Aldo Fabrini

Sinopse: Na música "Amoras", Emicida canta: "Que a doçura das frutinhas sabor acalanto/ Fez a criança sozinha alcançar a conclusão/ Papai que bom, porque eu sou pretinha também". E é a partir desse rap que um dos artistas brasileiros mais influentes da atualidade cria seu primeiro livro infantil e mostra a importância de nos reconhecermos no mundo e nos orgulharmos de quem somos – desde criança e para sempre.



Fonte: Google, 2026

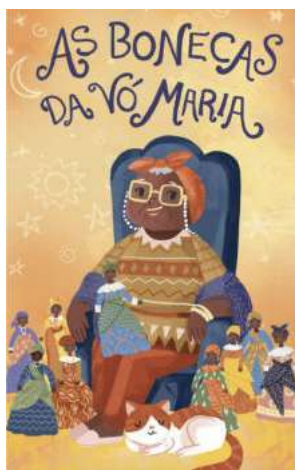
**Contação em vídeo**



Título: Amor de cabelo

Autor: Matthew A. Cherry

Sinopse: O cabelo de Zuri é mágico. Ele pode ser trançado e enrolado para combinar perfeitamente com uma tiara de princesa ou uma capa de super-heróina. E Zuri sabe que seu cabelo é lindo! Mas um dia superespecial pede um penteado mais especial ainda. A mãe de Zuri está voltando para casa depois de um tratamento médico. Comovente e empoderador, Amor de cabelo enaltece o carinho ao próprio cabelo, o amor entre pais e filhas e a felicidade que preenche aqueles que podem se expressar livremente.



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

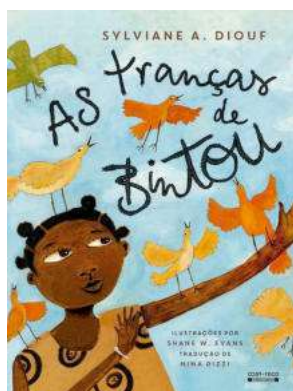


Título: As bonecas da vó Maria

Autor: Mel Duarte

Sinopse: "As Bonecas da Vó Maria", escrito por Mel Duarte e ilustrado por Giovana Medeiros, é um livro infantil que narra a história de três irmãs (Areta, Badu e Faiola) que aprendem a confeccionar bonecas de pano pretinhas com sua avó, valorizando a ancestralidade, identidade e o empreendedorismo feminino através da criação de bonecas únicas.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

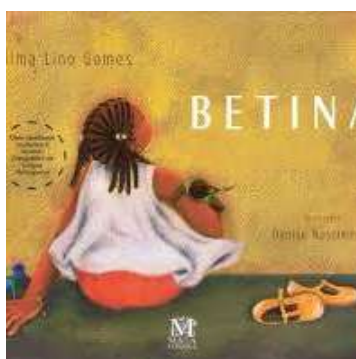


Título: As tranças de Bintou

Autora: Sylviane A. Diouf

Ilustradora: Shane W. Evans

Sinopse: Bintou sonha em ter tranças longas e bonitas, assim como sua irmã mais velha e as outras mulheres da sua família. Mas ela é jovem demais. Em vez disso, ela tem quatro pequenos coques na cabeça. Mas, quando Bintou salva a vida de seus dois primos, ela descobre que a verdadeira beleza pode vir de gestos de coragem, generosidade e afeto. E que já uma força incrível em aceitar – e celebrar – exatamente quem somos.



Fonte: Google, 2026

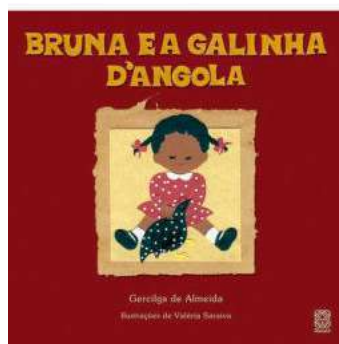
**Contação em vídeo**



Título: Betina

Autora: Nilma Lino Gomes

Sinopse: A lição do penteado, Betina aprendeu da amorosa avó e a avó aprendeu com a mãe dela que aprendeu com outra mãe que tinha aprendido com uma tia. Só que Betina foi além e espalhou a lição para filhas e filhos, mães e avós que não eram os dela. Ela abriu um salão de beleza diferente e ficou conhecida em vários lugares do país. Mas Nilma Lino Gomes tem muitos detalhes deliciosos dessa linda história.



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

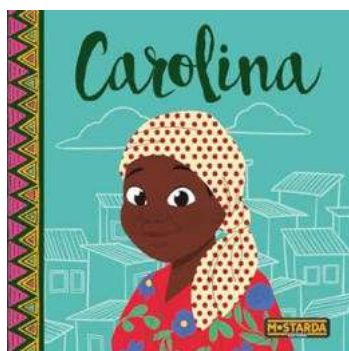


Título: Bruna e a galinha D' Angola

Autora: Gercilga de Almeida

Sinopse: Primeiro livro infantil a retratar o universo mítico africano representado pela Galinha d'angola e sua relação com a criação do universo de uma forma didática, lúdica e prazerosa.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

**Carolina Maria de Jesus - Mulheres fantásticas**

**Título:** Carolina  
**Autor:** Orlando Nilha  
**Ilustradora:** Shane W. Evans  
**Sinopse:** Carolina Maria de Jesus, mulher negra, catadora de papel e moradora de favela que se tornou uma das escritoras mais importantes do Brasil.



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

**Título:** Com qual penteado eu vou?  
**Autora:** Kiusam de Oliveira  
**Sinopse:** Uma obra que contempla a diversidade e a beleza que existe em cada criança. A festa de 100 anos do Seu Benedito vai animar toda a família, afinal, agora ele é um centenário. E para homenagear seu bisavô nessa data tão importante, suas bisnetas e seus bisnetos irão escolher penteados lindos para participarem da comemoração. E cada uma e cada um irá presentear seu bisavô com a virtude mais poderosa que tem.

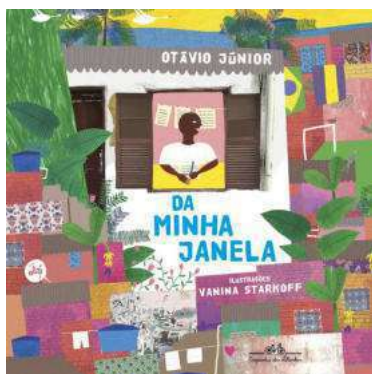


Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

**Título:** Como educar uma criança antirracista  
**Autora:** Bárbara Carine  
**Sinopse:** Você já imaginou uma escola em que todas as crianças pudessem ser livres para ser quem são e os modos de existir dos alunos fossem igualmente valorizados?  
Nesta história, Kieza, uma das porta-vozes da Escola dos Sonhos, convida os novos colegas a conhecer esse lugar em que o afeto, o cuidado e o respeito são prioridades, sem limitar ou invalidar ninguém.  
Através deste livro, a autora demonstra que um espaço escolar positivo, igualitário e gentil é possível e está muito mais próximo de nós do que imaginamos.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

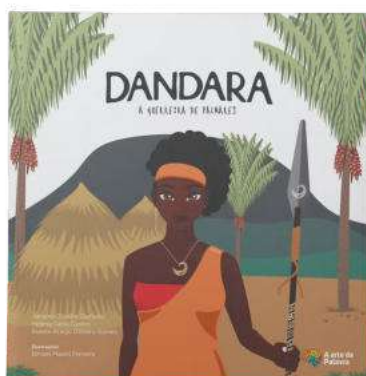


Título: Da minha janela

Autor: Otávio Júnior

Sinopse: Esse livro nos apresenta cada coisa, pessoa e animal que vê da sua janela em uma favela do Rio de Janeiro. Dela ele vê cores, traços, gestos, objetos e bichos cujas vidas podem ser parecidas ou diferentes da sua, mas com certeza têm algo a ensinar.

Com uma narrativa sensível e ilustrações cheias de vida e movimento, Da minha janela é um convite a todos os leitores para olharem para as vidas que nos cercam mas, muitas vezes, passam despercebidas.



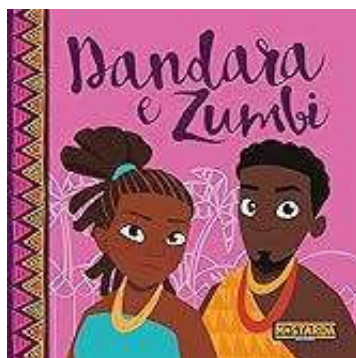
Fonte: Google, 2026

Título: Dandara: a guerreira de Palmares

Autora: Janaína Oliveira, Helena Carla e Suzete Araújo

Sinopse: Quantas heroínas negras de nossa história você conhece?

Embarque nessa aventura com a menina Carolina e se encante com a força e coragem da guerreira quilombola Dandara dos Palmares.



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**



Título: Dandara e Zumbi

Autora: Orando Nilha

Sinopse: Ao viajarem por estas páginas, vocês vão conhecer e nunca mais esquecerão a história de Dandara e Zumbi. Grandes líderes que lutaram pela liberdade no famoso Quilombo dos Palmares.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS

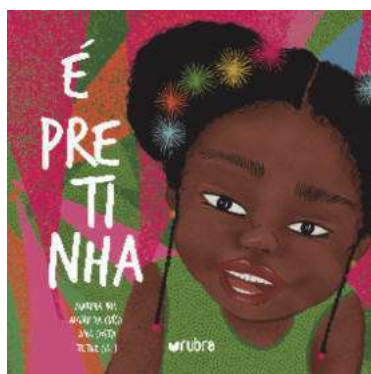


Fonte: Google, 2026

**Título:** Ei, você! Um livro sobre crescer com orgulho de ser negro

**Autor:** Dapo Adeola

**Sinopse:** A partir de uma prosa delicada e de ilustrações feitas por dezenove artistas diferentes, este livro celebra a vida e o crescimento das crianças negras de todo o mundo, apontando caminhos de esperança para o futuro e empoderando uma nova geração de sonhadores.



Fonte: Google, 2026

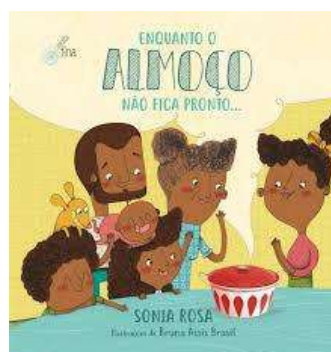
**Música Maria aventureira**



**Título:** É pretinha

**Autora:** Manu da Cuíca e Ana Costa Marina

**Sinopse:** O livro-disco É Pretinha, escrito por Marina Iris e Manu da Cuíca, ilustrado por Têtiiz e produzido por Ana Costa, joga luz às experiências sensoriais e afetivas de sua protagonista, a personagem Flor de Maria, de 4 anos de idade. O contexto é uma roda de samba em sua casa. Há, em um mesmo chão, a exaltação da ancestralidade, da cultura e dos laços de família e vizinhança. Esse é o ambiente que, carregado de muitos sentidos, forma a menina e alimenta sua capacidade de abstração.



Fonte: Google, 2026

**Título:** Enquanto o almoço não fica pronto

**Autora:** Sonia Rosa

**Sinopse:** Quantas coisas acontecem enquanto o almoço não fica pronto? O pai varre o chão, as crianças tomam banho de banheira, a avó faz tranças. O bebê, pirraça. Qual o tempo do "enquanto o almoço não fica pronto"?

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**



Título: E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas.

Autor: Emicida

Sinopse: O medo às vezes nos paralisa, e para superá-lo é preciso coragem e determinação – mas pode gerar boas surpresas. É o que Emicida conta, por meio de versos, em seu segundo livro infantil. Uma menina tem medo da Escuridão. Quando chega a noite, vem a preocupação e a ansiedade: afinal, o que o escuro pode esconder? .

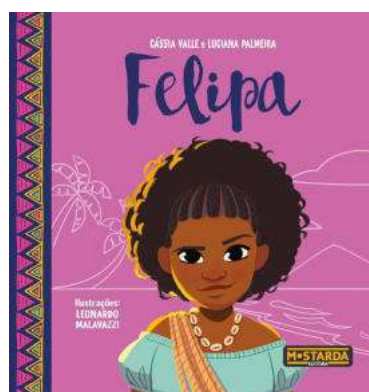


Fonte: Google, 2026

Título: Esconde-esconde

Autora: Irian Starling

Sinopse: Aninha adora passear no parque. Lá ela descobre muitos bichinhos que se parecem com outras coisas: folhas verdes, folhas secas, tronco de árvore. E assim vai descobrindo um mundo fascinante. O que ela não sabe, no entanto, é que alguns animais e plantas podem ser perigosos e sai a cutucar tudo com o dedinho, até que encontra uma lagarta venenosa. Que será que acontece? Descubra lendo esse lindo livro. Se encante com as ilustrações de Robson Araújo, dignas de molduras.



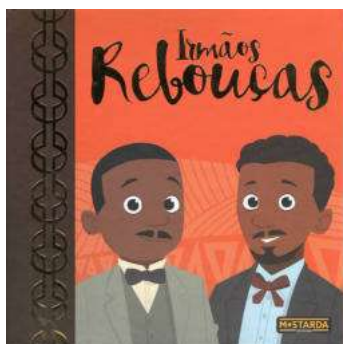
Fonte: Google, 2026

Título: Felipa

Autora: Cássia Valle e Luciana Palmeira Real

Sinopse: Ao viajarem por estas páginas, vocês vão conhecer e nunca mais esquecerão a história da lendária Maria Felipa, guerreira e capoeirista que se tornou um exemplo de coragem ao unir mulheres e lutar pela independência da Bahia.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS

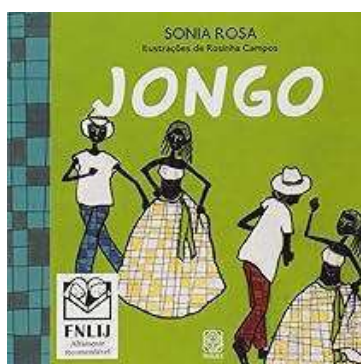


Fonte: Google, 2026

Título: Irmãos Rebouças

Autor: Orlando Nilha

Sinopse: Adoráveis leitores: ao viajarem por estas páginas, vocês vão conhecer dois irmãos incríveis, os Irmãos Rebouças, que foram os primeiros homens negros a estudar numa faculdade e conquistar o diploma de engenheiros.



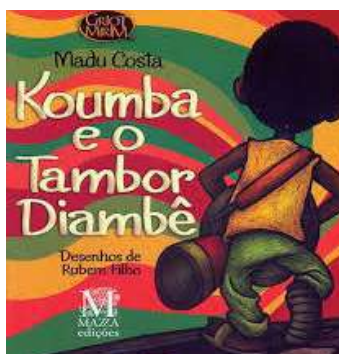
Fonte: Google, 2026

Título: Jongo

Autora: Sônia Rosa

Sinopse: O terceiro volume da coleção Lembranças Africanas conta a história do jongo, música e dança criadas pelos escravos nos terreiros das fazendas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, e precursoras do nosso conhecido samba. As alegres imagens de Rosinha Campos, "dançam" ao ritmo dessa tradição.

**Contação em vídeo**



Fonte: Google, 2026

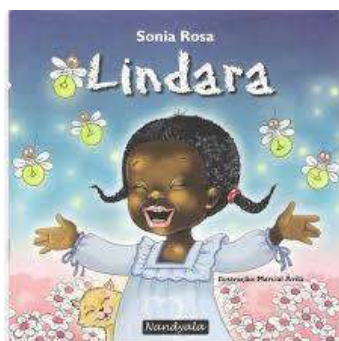
**Contação em vídeo**

Título: Koumba e o tambor diambê

Autora: Madu Costa

Sinopse: Griot é o contador de histórias africano que passa a tradição dos antepassados. O objetivo é trabalhar a identidade afrodescendente na imaginação infantil. E é justamente à imaginação que esses livros falam a partir de uma composição sensível, de textos curtos e poéticos, associados a belas ilustrações. Modo lúdico de reforçar a autoestima da criança a partir da valorização de seus antepassados, de sua cultura e de sua cor.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS

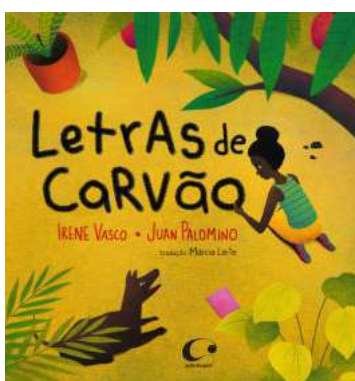


Fonte: Google, 2026

Título: Lindara

Autor: Sônia Rosa

Sinopse: Lindara é uma menina muito tagarela. Fala tanto que, quase nunca, as pessoas conseguem entender o que ela quer dizer... Conversar com Lindara é uma grande confusão. Ela fala, de uma só vez, tudo que passa pela cabeça! E as pessoas acabam ficando cansadas de tanto escutar... Lindara sabe que precisa melhorar seu jeito de conversar. Um dia, a menina fica com o coração apertado e tem uma grande ideia. O livro trata das oralidades e necessidades de ser escutado e fazer-se entender.



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**



Título: Letras de carvão

Autora: Irene Vasco

Sinopse: Na pequena cidade de Palenque quase ninguém sabia ler. Com o propósito de ajudar a irmã a decifrar as cartas que recebia, e contando com a ajuda do dono da mercearia, a menina começa a descobrir o que as letras e as palavras significam, e não demora muito para que um mundo novo de possibilidades se abra para ela e para todos os habitantes de seu povoado. Essa é a história que a mãe conta ao filho ao se lembrar da própria infância e de como aprendeu a ler e a escrever.



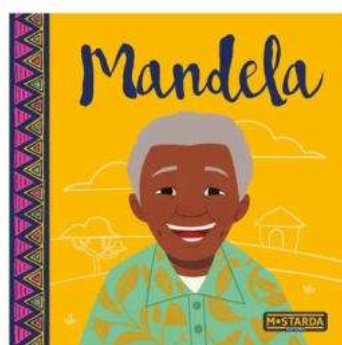
Fonte: Google, 2026

Título: Mahin

Autora: Cássia Valle e Luciana Palmeira Real

Sinopse: Ao viajarem por estas páginas, vocês vão conhecer a história de Luíza Mahim, mulher inteligente que não aceitava as injustiças sofridas pelas pessoas negras. Participou de importantes revoltas e se tornou uma heroína do Brasil.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte : Google, 2026

Título: Mandela

Autor: Orlando Nilha

Sinopse: O grande Nelson Mandela, homem negro que lutou contra o racismo em seu país, a África do Sul, tornou-se o presidente e ficou conhecido no mundo todo.



Fonte: Google, 2026

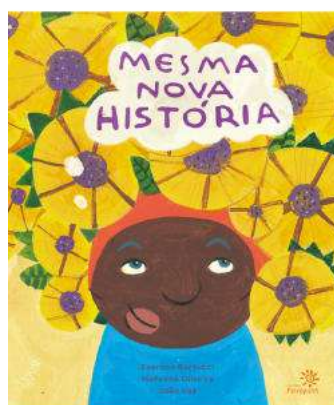
**MENINAS NEGRAS**



Título: Meninas Negras

Autora: Madu Costa

Sinopse: Griot é o contador de histórias africano que passa a tradição dos antepassados de geração em geração. O objetivo da Coleção Griot Mirim, que tem entre seus títulos "Meninas negras", é trabalhar a identidade afrodescendente na imaginação infantil. E é justamente à imaginação que esses livros falam a partir de uma composição sensível, de textos curtos e poéticos, associados a belas ilustrações. Modo lúdico de reforçar a autoestima da criança a partir da valorização de seus antepassados, de sua cultura e de sua cor.



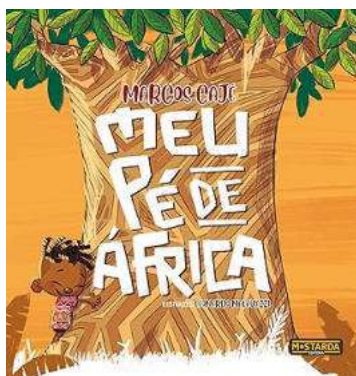
Fonte: Google, 2026

Título: Mesma nova história

Autores: Everson Bertuque e Mafuana Oliveira

Sinopse: O que pode florescer da convivência entre uma velhinha que está perdendo a memória e um menino que só pensa em jogos eletrônicos? A história nasceu a partir da colaboração de três autores que se experimentaram em diferentes linguagens. O texto escrito por Everson ganhou voz na narração de Mafuane, e depois uma narrativa visual composta por João Paulo Vaz. Assim, como é parte do caminho das histórias orais, a narração foi se modificando, perdendo uma parte aqui, ganhando outra ali, até fixar-se nessa edição escrita.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

Título: Meu pé de África

Autora: Madu Cajé

Sinopse: Meu pé de África apresenta a ancestralidade que carrega uma enorme árvore africana: o Baobá. Akan é um curioso menino que busca conhecer a África: "Ela é grande? Tem o que lá? Tem cores? Tem mar?". As respostas vêm por meio dos ensinamentos de Mãe Fayola e da árvore no seu quintal. Admirando o Baobá, o menino vai descobrir o cheiro, as cores, a cultura, a beleza e a força do continente africano.



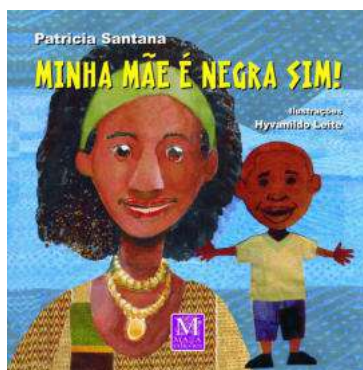
Fonte: Google, 2026

Título: Meu crespo é de rainha

Autora: bell hooks

Sinopse: Esse poema rimado e ilustrado apresenta às meninas brasileiras diferentes penteados e cortes de cabelo de forma positiva, alegre e elogiosa. Um livro para ser lido em voz alta, indicado para crianças a partir de três anos de idade – e também mães, irmãs, tias e avós – se orgulharem de quem são e de seu cabelo "macio como algodão" e "gostoso de brincar". Nesse sentido, Meu crespo é de rainha é um livro que enaltece a beleza dos fenótipos negros, exaltando penteados e texturas afro, serve de referência à garota que se vê ali representada e admirada.

[Contação em vídeo](#)



Fonte: Google, 2026

Título: Minha mãe é negra, sim!

Autora: Patrícia Santana

Sinopse: O garoto Eno é levado a se perguntar pela sua origem. Negro, ele percebe o preconceito da professora que sugere que Eno pinte o desenho da mãe, negra, de amarelo por ser uma cor mais bonita. Não pode haver tristeza maior para o seu coração. A mãe, que ele tanto amava e era tão linda. Mesmo triste, Eno procura saber no dicionário uma explicação para o preconceito. O dicionário não ajudou e ele seguia triste até que o avô tem uma conversa decisiva com ele.

[Contação em vídeo](#)

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

Título: Neguinha, sim!

Autor: Renato Gama

Sinopse: A personagem desta história-canção é neguinha, sim! E muito, muito, muito feliz! Afinal, seu nariz é belo como as ondas do mar, seus olhos são de jabuticaba e ela tem um cabelo brilhante como sol... Essa menina honra e celebra sua ancestralidade, e sabe que carrega uma bagagem incrível e um futuro repleto de possibilidades.



Fonte: Google, 2026

Título: Nia, a menina dos afetos

Autora: Shirlei Machado

Sinopse: Morena Flor, Nia se encanta com as histórias que ela compartilha, especialmente a lenda do Baobá, que simboliza ancestralidade e vitalidade. O livro celebra a importância da identidade, educação e as relações, representando cada menino e menina que, assim como Nia, busca encontrar seu lugar no mundo, abraçando suas raízes e descobrindo a força que vem de suas histórias ancestrais.



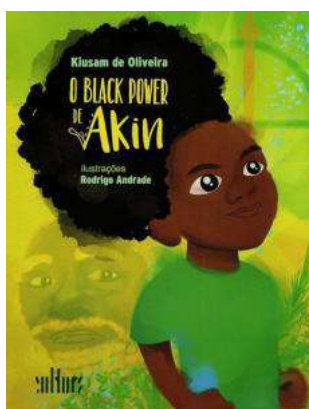
Fonte: Google, 2026

Título: Penteado despenteado

Autora: Joana Mendes

Sinopse: Aurora é uma menina de 4 anos e cabelos marrons cacheados que, um belo dia, ouviu de outra menina que os seus cabelos eram “bagunçados”. A mãe tenta fazer com que ela perceba que cada criança é única e tem sua própria beleza, que deve ser respeitada. Com uma linguagem poética e ilustrações artísticas, o livro envolve as crianças em uma temática muito importante, colaborando para que seus pequenos leitores, de diversas idades, aprendam a refletir e a lidar com as próprias características e diferenças.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**



**Título:** O Black Power de Akin

**Autor:** Kiusam de Oliveira

**Sinopse:** A tristeza invadiu o coração de Akin, jovem negro que cobre a cabeça com um boné ao ir para a escola. Ao seu avô, Dito Pereira, ele não conta que tem vergonha do seu cabelo, motivo de chacota dos colegas. Antes que Akin tome uma atitude brusca, o sábio avô, com a força das histórias da ancestralidade, leva o neto a recuperar a autoestima. Agora confiante, Akin ergue seu cabelo black power e se sente um príncipe.



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**



**Título:** O menino Nito

**Autora:** Sonia Rosa

**Ilustrador:** Victor Tavares

**Sinopse:** Nito abria um berreiro por tudo e ninguém aguentava mais tanta choradeira. Um dia seu pai o chamou num canto e veio com aquele discurso: “Você é um rapazinho, já está na hora de parar de chorar à toa. E tem mais: homem que é homem não chora.” Essas palavras martelaram na cabeça do Nito..



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

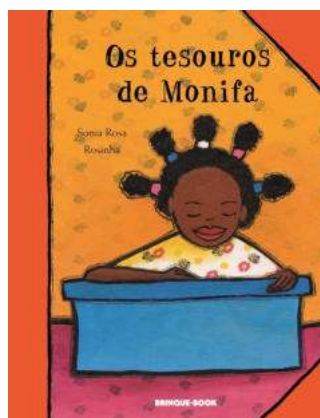


**Título:** O mundo no black power de Tayó

**Autora:** Kiusam de Oliveira

**Sinopse:** Tayó é uma menina negra que tem orgulho do cabelo crespo com penteado black power, enfeitando-o das mais diversas formas. A autora apresenta uma personagem cheia de autoestima, capaz de enfrentar as agressões dos colegas de classe, que dizem que seu cabelo é “ruim”. Mas como pode ser ruim um cabelo “fofo, lindo e cheiroso”? “Vocês estão com dor de cotovelo porque não podem carregar o mundo nos cabelos”, responde a garota para os colegas.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS

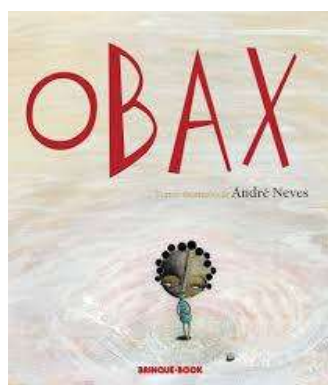


Fonte: Google, 2026t

Título: Os tesouros de Monifa

Autora: Sonia Rosa

Sinopse: Os Tesouros de Monifa fala do encontro de uma brasileira afrodescendente com sua tataravó, Monifa, que chegou aqui de lá do outro lado do oceano, em um navio negreiro. Mesmo escrava, aprendeu a escrever e, por meio das letras que aprendeu, deixou "Para os meus filhos e os filhos dos meus filhos!" o maior de todos os tesouros que alguém pode herdar. Passado de geração em geração, chega o dia desse tesouro ir para as mãos da garotinha, que se encanta e emociona muito ao receber tamanha preciosidade e, com ela, descobrir a vida da sua tataravó e as suas próprias raízes.

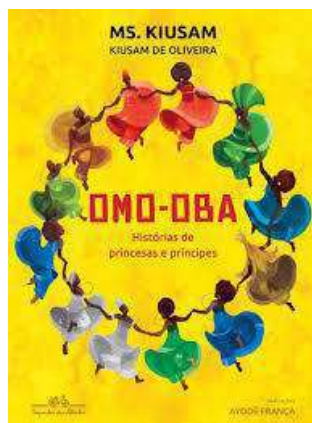


Fonte: Google, 2026

Título: Obax

Autora:

Sinopse: As bonecas de papel são uma das brincadeiras mais estimulantes que podem existir, elas exploram a criatividade das crianças levam os adultos aquele tempo bom que não volta nunca mais...São baratas ou até de graça, que é o nosso caso, e agora com a tecnologia da internet, podemos com um clique encontrar e imprimir.



Fonte: Google, 2026

Título: OMO-OBA: Histórias de princesas e príncipes

Autora: Kiusam de Oliveira

Sinopse: Esse livro narra aventuras, dramas e peripécias de princesas e príncipes africanos. Cada uma a seu modo, essas personagens enfrentam guerras, desvendam mistérios, fazem autodescobertas e amadurecem. Em seu conjunto, Omo-oba é mais que um livro — é também a forma que a autora encontrou para empoderar meninos e meninas de todo o Brasil, ao potencializar as virtudes de uma realeza que é a verdadeira ascendência da população negra do nosso país.

# SUGESTÕES DE LITERATURA INFANTIL



Fonte: Google, 2026

Título: Os dengos na moringa de voinha

Autora: Ana Fátima

Sinopse: A simplicidade dos momentos cotidianos guarda emoções inesquecíveis que podem ser encontradas no calor de um abraço, no cheirinho de comida caseira ou na alegria de compartilhar uma dança. Essas sensações que permeiam as lembranças revelam a importância das vivências e dos afetos, demonstrando que conhecer e apreciar a ancestralidade é uma maneira de valorização da própria história. Nesse livro, as relações familiares e a infância aproximam os dengos do passado tornando-os parte do presente.



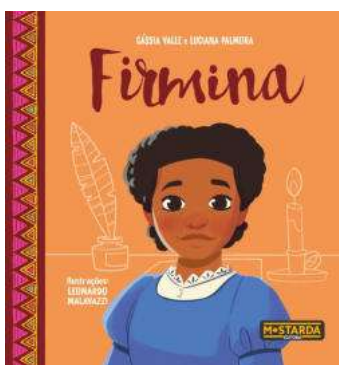
Fonte: Google, 2026

Título: Pequeno Príncipe Preto

Autor: Rodrigo França

Sinopse: Em um minúsculo planeta, vive o Pequeno Príncipe Preto. Além dele, existe apenas uma árvore Baobá, sua única companheira. Quando chegam as ventanias, o menino viaja por diferentes planetas, espalhando o amor e a empatia.

**Contação em vídeo**



Fonte: Google, 2026

Título: Firmina

Autoras: Cássia Valle e Luciana Palmeira

Sinopse: Firmina dos Reis, mulher negra, professora e escritora que critica a escravidão e lutava para que todos no Maranhão pudessem estudar.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

[Contação em vídeo](#)

**Título:** Sinto o que sinto e a incrível história de Asta e Jaser  
**Autor:** Lázaro Ramos

**Sinopse:** Mesmo para os adultos, lidar com os sentimentos nem sempre é fácil. Isso é o que Dan percebe ao longo de seu dia, enfrentando diferentes situações que o fazem ter de encarar uma mistura bastante diversa de sentimentos. E à noite, já em casa e quase pronto para ir dormir, Dan ouve uma história muito especial de seu avô sobre seus ancestrais.



Fonte: Google, 2026

[Contação em vídeo](#)

**Título:** Os solfejos de Fayola

**Autora:** Kiusam de Oliveira

**Sinopse:** Fayola é uma bebê muito esperta. Ela que produz com a boca sons de instrumentos musicais tradicionais da cultura africana, que os adultos têm que imitar e cujos nomes têm que adivinhar. Com rimas divertidas, os adultos entram na brincadeira. Será que conseguirão acertar os desafios musicais de Fayola?



Fonte: Google, 2026

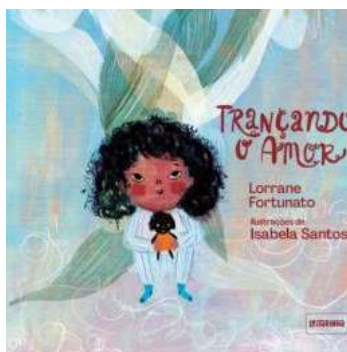
[Contação em vídeo](#)

**Título:** Sulwe

**Autora:** Lupita Nyong'o

**Sinopse:** Decidida a clarear sua pele, Sulwe tentou de um tudo: a maior borracha que tinha, alimentos de cor clara e até a maquiagem de sua mãe. Após não ter sua oração atendida por Deus, a menina abre seu coração para sua mãe que apresenta a ela a mais bela história sobre ter orgulho de si mesma.

## SUGESTÕES DE LITERATURAS INFANTIS NEGRO-AFETIVAS



Fonte: Google, 2026

**Contação em vídeo**

Título: Trançando o amor

Autora: Lorrane Fortunatto

Sinopse: O livro "Trançando o amor" é um Original Leiturinha que mostra o amor como construção diária! A história mostra como os bons sentimentos são demonstrados através de pequenas ações do dia a dia, como os cuidados com os cabelos.

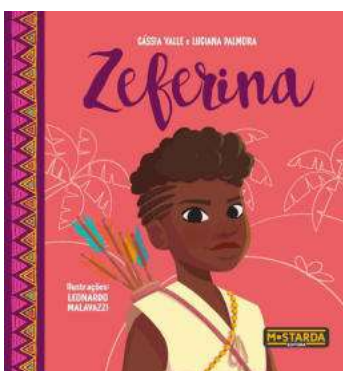


Fonte: Google, 2026

Título: Vovó Amaria

Autora: Rê Francis

Sinopse: "O que cabe no Mar? Saudades, memórias... Ah! O mar, para Vovó Maria, é povoado de histórias ancestrais. O livro Vovó aMARia é um convite para nos aconchegar nas histórias de vovó Maria, que é nossa história. É um livro para mergulhar!!!



Fonte: Google, 2026

Título: Zeferina

Autora: Cássia Valle e Luciana Palmeira

Sinopse: Zeferina, mulher valente que lutou pela liberdade do povo negro e criou o Quilombo do Urubu, um espaço de proteção e resistência contra a escravidão.

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

## IDENTIDADE



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2026.

## Sequência didática: identidade

É fundamental trabalhar a construção da identidade nas turmas de Ed. Infantil de forma lúdica, crítica e contextualizada. E, nessa sequência, iremos exemplificar algumas propostas que promoverão reflexões acerca da identidade pessoal, aspectos raciais, culturais e familiares.

### Objetivos

- Refletir acerca das semelhanças e diferenças de forma ética, sensível e respeitosa.
- Dialogar sobre respeito e sobre os perigos e consequências do racismo, do preconceito e da discriminação na escola e na sociedade.
- Ampliar a autoestima e promover acolhimento e respeito às diversas formas de existir;
- Descrever suas características para os colegas diante do espelho.
- Elaborar uma representação de si mesmo com recorte e colagem.
- Desenvolver a criatividade, imaginação e oralidade, expressando-se nas rodas de conversa;
- Ampliar conhecimentos acerca do documento de identidade e sua importância;
- Compreender que as experiências culturais e familiares nos formam e nos identificam;

#### **Público -alvo:**

Crianças da Educação Infantil de 3, 4 e 5 anos (aplicável também nas séries iniciais do Ensino Fundamental)

#### **Recursos Necessários:**

Livros :Sulwe;  
Pequeno príncipe preto  
Espelho;Televisão ou  
computador;Tinta,  
hidrocores, lãs, giz de cera  
de diferentes tons de pele,  
folhas, tesoura, papel crepon,  
colorset, cartolinas.

## Preparação do ambiente



Fonte: Google, 2025.



Fonte: Google, 2025.

Para essa proposta é necessário que o(a) docente organize previamente o espaço que será utilizado. Sugere-se, de acordo com a realidade de cada unidade escolar, um ambiente no qual as crianças possam sentar-se em círculo, para uma roda de conversa e, posteriormente, para a roda de leitura.

Se possível, um espaço amplo e confortável, que pode ser decorado com tapete, tatames ou almofadas.

Será necessário que o (a) mediador(a) deixe separado, em um local seguro, um espelho para que as crianças possam observar-se durante a autodescrição.



Ao longo do ano letivo, propõe-se também que na sala de aula da educação infantil haja sempre à disposição das crianças uma grande variedade de recursos literários, materiais pedagógicos e imagéticos que contemplem a diversidade presente na escola e na sociedade. Inclua narrativas de autores negros e com protagonismo negro e indígena. Bonecas e bonecos que representem diferentes etnias, brinquedos e brincadeiras de origem indígena, africana e afro-brasileira.

## Roda de conversa

Na roda de conversa, a(o) docente pode iniciar com algumas provocações, para sondar os conhecimentos prévios e observar quais as percepções das crianças acerca da sua autoimagem e do outro:



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



- Somos iguais ou diferentes?
- Quais são as nossas semelhanças?
- Quais são as nossas diferenças?

Após ouvir e registrar as falas das crianças em um bloco, sugere-se que cada uma das crianças descreva-se para os seus colegas.

Nesse momento, é importante que o educando possa posicionar-se em frente ao espelho.

A professora poderá direcionar com alguns questionamentos:



Fonte: Imagem gerada pelo Copilot,, 2024.



- Quem é (...)? Descreva-se para os colegas.
- Tem algo que gostaria de mudar em si mesma(o)? Por quê?
- Quais as coisas que mais gosta e quais as que não gosta ?

Após as autodescrições, sugere-se que a (o) docente finalize essa proposta ressaltando que somos únicos, incríveis e especiais e que a maior beleza do nosso povo está na riqueza presente nas diferenças, na pluralidade, em nossa essência e singularidade.

## Roda de leitura



Fonte: Google, 2026

Este é um livro encantador que traz a história de Sulwe, uma linda menina negra que sofria racismo em sua escola e sentia-se muito triste e incomodada por ter a pele mais retinta que os demais membros de sua sua família.

Após a leitura do livro, o(a) professor(a) pode realizar alguns questionamentos e provocações acerca da narrativa:



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot, 2026.

- O que acharam da história?
- O que mais gostaram?
- O que não gostaram?
- O que seus amigos faziam com a Sulwe na escola?
- Alguém aqui já vivenciou essas situações na escola ou em outros lugares.

### RACISMO ESTRUTURAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em seguida, deve-se explicar, de forma bastante simples e clara, sobre o crime de racismo e as injúrias raciais que Sulwe vivenciava na escola. Assim, o(a) mediador(a) pode estimular a consciência crítica e a empatia, levando o grupamento a refletir sobre o sentimento da menina e o quanto é cruel maltratar alguém pela sua cor. Pode-se utilizar exemplos simples de ofensas, falas e comportamentos que acontecem na sociedade.

Sugere-se também a apresentação de vídeos infantis que abordem o tema:

Diversidade étnico-racial e infâncias\*

## Curiosidades sobre a obra: Colorismo



Fonte: Google, 2026

A nível de informação, é importante esclarecer que no livro Sulwe, a autora traz uma questão que impacta diretamente a protagonista: o colorismo.

Logo no início da narrativa, Lupita Nyong'o (2021) descreve a tristeza e a insatisfação da protagonista por apresentar a pele mais retinta que os demais membros da sua família. Na escola, a personagem sente o reflexo do quanto o racismo hierarquiza de forma a violentar ou privilegiar as pessoas a partir das diferentes pigmentações de pele.

Neste aspecto, é fundamental reconhecer que o colorismo e o racismo estão interligados, pois, assim como o racismo, o colorismo impacta a vida de indivíduos prejudicando suas perspectivas de sucesso e limitando o acesso às oportunidades.

Colorismo é o termo que define a diferença de tratamento entre pessoas negras, baseada nas diferentes tonalidades de pigmentação da pele. O conceito refere-se à discriminação que ocorre dentro do próprio grupo racial negro, conferindo privilégios relativos aos negros de pele mais clara. Schucman (2014) e Carneiro (2011) ressaltam que o colorismo atua como um desdobramento do racismo estrutural, afetando experiências, oportunidades e processos de identificação racial desde a infância. Sua origem está diretamente atrelada ao processo eugenista, que sempre objetivou o branqueamento das populações não-europeias.

Assim, o colorismo vem à tona, corroborando para hierarquização racial e atuando como pauta de discriminação ao privilegiar uns e violentar e oprimir tantos outros.

Colorismo fundamenta-se na ideia de quanto mais clara e com mais traços europeizados uma pessoa é lida, mais próxima se encontra do padrão de normalidade, elegância, pureza, beleza garantindo assim mais regalias e privilégios. Da mesma forma que, quanto mais retinta for a cútis e quanto mais traços fenotípicos pretos a pessoa carrega, maior é o vínculo com atributos negativos como feiura, preguiça, desonestidade, falta de inteligência, perigo, violência e animalização. Consequentemente, maiores serão as experiências de violência e menores serão as oportunidades e acesso para o exercício da cidadania.



Fonte: Google, 2026

É importante esclarecer que essa questão não se limita apenas a pigmentação da pele, mas compreende outros atributos fenotípicos como: textura do cabelo e o formato de nariz e lábios, que serão elementos importantes na definição de cor (preto, pardo, amarelo e branco).

Por anos, temos observado não apenas crianças, mas adolescentes jovens e adultos negros com dificuldade de aceitação das suas características fenotípicas. E, já vimos, anteriormente, que isso parte de um processo atravessado por anos de violências, estigmas e opressões.

Ainda hoje, vemos mulheres realizando cirurgias ou utilizando maquiagem para afinar o nariz. Fazendo procedimentos para alisar os cabelos, bem como diversas técnicas para adequar seus corpos ao padrão de beleza socialmente estabelecido. Todas essas são escolhas legítimas, na qual todas têm o direito e a liberdade de adotá-las quando e como quiserem. Contudo, é importante refletir sobre quais são os reais motivos que as levam a realizarem mudanças em seus traços e identidades. Algumas vezes, pode ser o simples desejo de aproximação das referências europeias, como forma aceitação, pertencimento, reconhecimento e passabilidade.

## CURIOSIDADE SOBRE A AUTORA

É importante que o (a) professor(a) traga informações que possam ampliar os conhecimentos das crianças acerca da obra literária e de seus autores.

Sobretudo, se forem informações gerem valorização e representatividade através de relatos inspiradores presentes nas experiências pessoais dos mesmos.

Lupita Nyong'o é atriz de Hollywood. Nascida no México, tem também nacionalidade queniana, e tornou-se a primeira atriz de ambos os países a conquistar o Oscar de Atriz Coadjuvante pela atuação no filme 12 Anos de Escravidão (2013).

Em 2013, Foi eleita pela revista People a mulher mais bonita do mundo.



Fonte: Google, 2026

Conhecer experiências de autores e autoras constitui um aspecto fundamental para a formação leitora, para a construção do letramento racial e para o desenvolvimento de práticas educativas verdadeiramente comprometidas com a equidade.

As obras literárias não são produções desconectadas da realidade cotidiana, ao contrário, carregam vivências pessoais que são atravessadas por memórias, afetos, dores, conquistas, pertencimentos e perspectivas de mundo que moldam a forma como a história é narrada e representada. Assim, compreender quem são esses sujeitos e as condições socioculturais que impulsionaram suas escritas é um caminho potente para ampliar horizontes e romper silenciamentos historicamente construídos.

Ao conhecer a trajetória desses autores, crianças, educadores e leitores em geral passam a compreender que a literatura é também um espaço de disputa de narrativas e de afirmação de identidades negadas. Essa aproximação entre obra e história fortalece a dimensão negro-afetiva da literatura, e apresenta autores africanos ou afro-brasileiros como sujeitos potentes, valorosos, inteligentes, afetuosos,

e rompe com imagens estereotipadas que associam a negritude à dor, à ausência e à violência.

As histórias de vida dos(as) autores (as), sobretudo, dos(as) autores(as) negros(as) constituem-se como um compromisso com a reparação simbólica através da propagação de novas referências de negritude para as infâncias. Visto que ajuda o leitor a perceber as estratégias de resistência presentes nas obras por meio da valorização do corpo negro como fonte de beleza, inteligência e potência. Ao aprender sobre essas vivências, crianças e adultos descobrem que a literatura pode ser uma ferramenta de superação e de fortalecimento emocional, especialmente para sujeitos negros que têm sua autoestima frequentemente atravessada por estigmas e silenciamentos.

Assim, conhecer as histórias por trás das narrativas auxilia professores a desenvolverem práticas pedagógicas mais sensíveis, contextualizadas e alinhadas com os princípios da Lei 10.639/2003. Dessa forma, a obra literária deixa de ser apenas um material a ser trabalhado em sala e passa a ser entendida como parte de um projeto maior: o de garantir que crianças negras se vejam como protagonistas de suas histórias e que crianças não negras compreendam outras perspectivas de mundo, ouçam outras vozes e construam relações raciais mais éticas e saudáveis.

As vivências desses escritores – marcadas por luta, criatividade e afirmação – funcionam como fontes de inspiração e superação para leitores de todas as idades, mostrando que a literatura pode ser um território de cura, afeto, resistência e reinvenção.



Fonte: Google, 2025

# AUTORRETRATO



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Nessa proposta, sugere-se que a criança tenha a possibilidade de escolher entre papeis de diferentes tons de bege, ocre, marrom, preto qual o tom que mais se aproxima da sua pele, para fazer um autorretrato com desenho, pintura, ou recorte e colagem.

Caso não haja variedade de materiais disponível na unidade escolar, sugere-se o uso de giz de cera ou tinta guache em diferentes tons. Nesse processo, o (a) docente pode pedir ajuda a criança para misturar as tintas e observar as diferentes cores se formando a partir das bases comuns.

Aconselha-se que todo processo seja realizado individualmente, ou com um número pequeno de crianças.

Para os cabelos podem ser utilizados materiais como: lã, laços, papel crepom, fio de malha e para o rosto hidrocores coloridos.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

## DOCUMENTO DE IDENTIDADE

Nessa proposta, sugere-se que o(a) docente converse com a turma sobre a importância dos documentos e quais são os elementos que nos nos identificam.

Após a conversa, o(a) professor(a) irá mostrar uma certidão de nascimento e documento de identidade, explicando todas as características que nos individualizam, tais como o nome, sobrenome, que traz o histórico familiar dos que nos antecederam e a impressão digital.

Sugere-se, então, uma proposta artística na qual as crianças confeccionem suas próprias identidades.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Desenho do rosto, olhando-se no espelho e pintura com tinta ou com giz de cera “tons de pele”.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

Montagem do primeiro nome ou do nome completo utilizando letras móveis de papel.

## RODA DE LEITURA



Fonte: Google, 2025

Para encerrar a temática identidade, sugere-se iniciar a aula com uma roda de conversa retomando os conceitos de identidade, apresentando também as compreensões acerca da ancestralidade.

Dessa forma, iremos levar a criança a compreender que valores, gostos, memórias e história se constroem através do seu círculo familiar e das pessoas que a antecederam.

Este livro é uma releitura potente do clássico O Pequeno Príncipe, trazendo para o centro da narrativa uma criança negra como protagonista. Essa obra valoriza a identidade negra, a ancestralidade, a afetividade e afirma a beleza, a autoestima e o pertencimento das crianças negras.

Pode-se dizer que é uma literatura fundamental para práticas antirracistas, pois possibilita discussões sobre identidade, diversidade e valorização das diferenças desde a infância.

### Sobre o autor

O autor, Rodrigo França, é um artista brasileiro multifacetado, atuando como diretor, ator, dramaturgo, filósofo, escritor, articulador cultural e artista plástico. Ele é um ativista proeminente pelos direitos civis, sociais e políticos da população negra no Brasil.

França utiliza o teatro como ferramenta de militância com elencos e equipes, majoritariamente, negras. Ele atua não apenas no palco, mas na construção de uma base de produtores de elenco e técnicos negros.



Fonte: Google, 2025

## PROTAGONISTA DA MINHA HISTÓRIA



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025

Para encerrar essa temática, sugere-se que cada criança converse com seus pais, tios e avós para saber um pouco sobre as trajetórias familiares. Que busque compreender como os pais se conheceram, de onde vieram, e quais os principais costumes e hábitos da sua família.

Os pais podem registrar por escrito a trajetória familiar e a criança deve ilustrar a história e apresentá-la para o grupo.

Ao final, todos esses trabalhos artísticos, fotos das rodas de conversa, histórias e processo de criação podem culminar em uma exposição no pátio, para que a comunidade escolar e familiar possa apreciar as produções da turma.

Quando o(a) docente permite que a criança narre sua história promove, com isso, não só o protagonismo infantil, mas favorece a construção de uma identidade positiva. Em contextos educativos comprometidos com a equidade, a escuta das vivências individuais e coletivas das crianças torna-se fundamento para práticas que reconhecem a diversidade humana, valorizam experiências plurais e rompem com a lógica hegemônica, que historicamente desprezou e silenciou tantas histórias.

Na infância, contar a própria história não é apenas descrever fatos da vida, é um exercício de reflexão, sensibilidade e autoconhecimento. Trata-se de uma forma de nomear afetos, relações, memórias, origens e pertencimentos. Assim, a narrativa promove, ao mesmo tempo, protagonismo e autoria, reconhecimento e valorização.

Essa proposta fortalece o sentimento de continuidade entre passado, presente e futuro e contribui para a formação de uma subjetividade mais segura e consciente.

Quando o educador abre espaço para que as crianças narrem suas experiências, valoriza-se um princípio fundamental: todas as histórias são importantes e dignas de serem contadas. E, ao romper com o silenciamento de narrativas historicamente subalternizadas, a escola atua como espaço de reparação simbólica e de construção de identidades positivas.

Além disso, ouvir as histórias enriquece o trabalho pedagógico ao permitir que educadores compreendam melhor as trajetórias, repertórios culturais, práticas familiares e necessidades emocionais de cada criança. Isso qualifica o planejamento, tornando-o mais empático, sensível, contextualizado e alinhado às vivências reais das crianças. Professores que conhecem as histórias de seus alunos são capazes de propor práticas mais significativas, e corroboram para promover conexões genuínas, ao criar ambientes de aprendizagem mais humanos, afetuosos e democráticos.

Contar a própria história também desenvolve habilidades linguísticas e cognitivas, como a organização do pensamento, a construção de sentido, a ampliação do vocabulário e a capacidade de elaborar e recontar eventos.

Mais do que um exercício de linguagem, esse processo amplia a autonomia intelectual e o sentimento de protagonismo. A criança aprende que sua narrativa tem valor e que sua presença é muito importante.



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2025.

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

## REPRESENTATIVIDADE



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2025.

## Sequência didática: representatividade

A representatividade deve ser trabalhada nas turmas de Ed. Infantil de forma lúdica, crítica e contextualizada.

Nessa sequência, iremos trazer propostas que favoreçam a valorização e o senso de pertencimento nas crianças.

### Objetivos

- Promover o reconhecimento positivo das identidades raciais;
- Favorecer a valorização de diferentes características físicas, étnicas e culturais, reconhecendo sua própria identidade e a dos colegas de forma positiva.
- Ampliar o repertório de imagens e narrativas sobre pessoas negras, indígenas, asiáticas e de outros grupos historicamente invisibilizados.
- Oferecer materiais, livros, cartazes e histórias que apresentem protagonismo e diversidade, rompendo com padrões eurocêntricos e estereotipados.
- Criar práticas em que todas as crianças se vejam representadas nos espaços, nas histórias e nas atividades, fortalecendo autoestima e segurança emocional.'

#### **Público -alvo:**

Crianças da Educação infantil de 3, 4 e 5 anos (aplicável também nas séries iniciais do Ensino Fundamental)

Tempo estimado: 10 horas

#### **Recursos Necessários:**

Livro: O black power de Akin. ou obra literária que aborde a valorização do cabelo crespo;

Espelho; Televisão ou computador; pentes, laços, tecidos, gel, bonecas e bonecos diversificados.

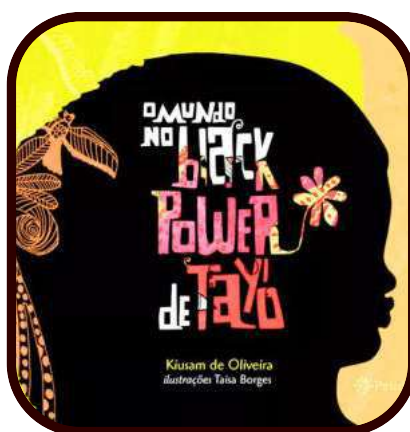
## RODA DE LEITURA

A introdução deste tema pode ser realizado a partir de rodas de leitura com obras negro-afetivas que abordem a valorização do cabelo crespo e cacheado.

Seguem abaixo a sugestão de 4 títulos de obras encantadoras, que evidenciam a beleza negra, a singularidade, a interação afetiva e rompem com os padrões estéticos eurocêtricos. Essas narrativas desconstroem a rejeição aos cabelos crespos e os torna símbolo de orgulho, pertencimento e resistência.

Prepare o ambiente para a contação, (página 59) e inicie a roda de leitura com o deleite literário.

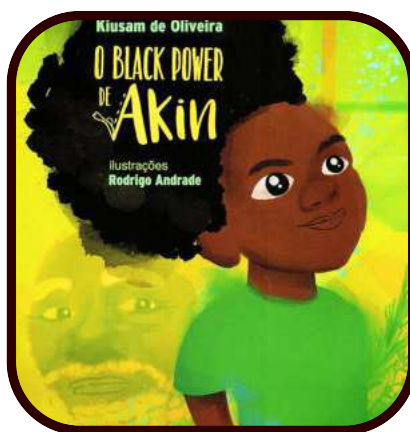
O (a) educador (a) pode realizar uma leitura por dia, duas, ou até todas elas, caso a turma permaneça atenta e interessada O (A) docente pode recontar as histórias separadamente nos dias subsequentes.



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025

## TRANÇAS E IDENTIDADE



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025

“Trançando o Amor”, de Lorraine Fortunato, é uma obra sensível que aborda o ato de trançar os cabelos como um momento de afeto, cuidado, conexão e construção de identidade, especialmente para crianças negras.

A narrativa valoriza as tranças não apenas como estética, mas como expressão cultural e ancestral, carregadas de histórias, memórias e pertencimento. Ao longo do livro, esse gesto cotidiano aparece como um momento de carinho entre familiares e fortalecimento de vínculos afetivos.

A partir desta história, o(a) educador(a) pode ampliar os conhecimentos das crianças acerca da importância das tranças nagô na identidade dos povos africanos e afro-brasileiros assistindo ao vídeo abaixo:

[Tranças africanas](#)



As tranças nagô são trançados de origem africana, alinhados próximos ao couro cabeludo, formando desenhos simples ou bem elaborados. Esse tipo de trança carrega um importante significado cultural e histórico, visto que, para alguns povos, os trançados representavam elementos de marcas identitárias, tais como: pertencimento étnico, faixa etária, estado civil e posição social.

Mais do que um penteado, as tranças nagô representam ancestralidade e conexão com as raízes africanas, valorização da estética negra, cuidado e afeto, já que o ato de trançar envolve tempo, toque e vínculo.

## Salão de beleza

Depois de conhecer a importância das tranças nagô, o(a) educador(a) pode estimular a brincadeira salão de beleza.

Para isso, pode-se utilizar as bonecas presentes na escola, e disponibilizar na sala de aula laços, tecidos coloridos, gel, cremes, borrifares, pentes, escovas, espelhos. As crianças também poderão se organizar em grupos de cabelereiros e clientes, realizando penteados e trançados, nos colegas ou nas bonecas. Pode-se, também dispor na sala várias fotos de penteados afro, tranças, rastafari, imagens com turbantes, para as crianças se inspirarem e produzirem diversos penteados, inclusive com turbantes.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025



Fonte: Google, 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

## DIVERSIDADE NA ESCOLA



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025



“ Sugere-se a decoração dos murais com exposição de fotos das crianças e suas famílias, que permitam aos pequenos se reconhecerem e se identificarem com as imagens.

Quando trazemos fotos reais, estamos desconstruindo padrões estéticos e colaboramos para que a criança se aproprie de diferentes conceitos de beleza e singularidade. Muitas vezes, permanecemos reproduzindo os padrões estéticos das mídias sociais com imagens de modelos e bonecas com padrões eurocentrados no ambiente escolar.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2024.

É fundamental também contemplar a diversidade nos brinquedos e brincadeiras infantis. Isso permitirá que as crianças negras se vejam e se reconheçam nas bonecas e bonecos com lindos cabelos crespos, peles mais ou menos retintas, tranças ou turbantes. Assim, passem a valorizar mais seus fenótipos, belezas e singularidades.

# MÚSICAS ANTIRRACISTAS

Para enriquecer essa temática, a música pode ser utilizada como importante recurso de afirmação da identidade. A musicalidade tem um potencial de alcançar as crianças de forma íntima e profunda, através da letra, sonoridade e melodia que contagia e envolve.

Para isso, será necessário uma televisão com acesso à internet, ou computador. Sugere-se, então, a apresentação das músicas infantis antirracistas do M.P.B.I.A, disponíveis no *youtube*.

As músicas abaixo, e muitas outras, foram compostas e gravadas pelo cantor, compositor e educador Allan de Souza, que realiza um importante trabalho antirracista nas escolas de Educação Infantil.



**No meu cabelo  
ninguém se mete**



**Música: o meu cabelo**



Fonte: Google, 2025

Allan de Souza é um cantor, compositor e educador brasileiro conhecido por seu trabalho voltado à infância em uma perspectiva decolonial e antirracista.

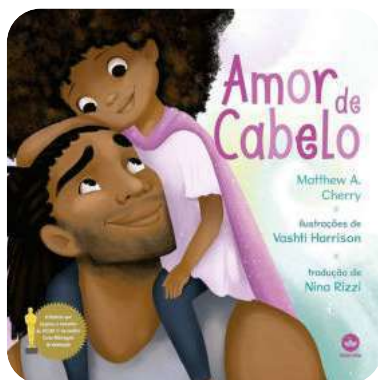
Ele compõe músicas que valorizam a identidade, a diversidade e a cultura afro-brasileira. Podemos nos inspirar com várias sugestões de atividades pedagógicas para trabalhar o antirracismo no contexto escolar por meio das redes sociais deste brilhante profissional:

**@pevirguladez**



## VÍDEO

Caso haja sala de vídeo no ambiente escolar, ou haja televisor na sala de aula, propõe-se apresentar o curta metragem premiado, que também tem sua versão em livro infantil: “Amor de cabelo”, de M. Cherry.



Fonte: Google, 2025



Após a apresentação do curta metragem, o (a) professor (a) pode estimular discussões, articulando as semelhanças entre o filme e as histórias narradas. Sugere-se que o(a) docente sempre encerre esses momentos levando os alunos a concluírem que devemos nos amar e nos aceitar do jeito que somos. E que nossa cor, nosso cabelo, nossos traços constituem elementos importantes da nossa identidade.

Assim, o educador colabora para fortalecer a autoestima das crianças, que é uma ação pedagógica profundamente antirracista, reparadora e necessária. O cabelo, sobretudo para crianças negras, não é apenas um elemento estético: ele carrega uma história de resistência, identidade, ancestralidade e afirmação.

Ao longo de séculos, o racismo e a colonialidade construíram discursos que inferiorizaram características negras, colocando o cabelo crespo como símbolo de desvalorização, inadequação e feiura. Essa lógica ainda atravessa o cotidiano escolar, as mídias e as relações sociais, impactando diretamente a forma como as crianças negras percebem seus corpos.

Fortalecer a autoestima por meio do cabelo é, portanto, um processo de desconstrução e reconstrução simbólica. Ao ser reconhecido, valorizado e celebrado, o cabelo torna-se um marcador de orgulho e não de vergonha. Para muitas crianças negras, isso representa o primeiro passo para construir uma identidade positiva e segura.

No espaço escolar, a abordagem do cabelo como elemento de valorização identitária contribui para a formação de ambientes mais acolhedores e afetivos.

Quando professores incluem livros, brinquedos, ilustrações e representações com cabelos crespos, black power, tranças nagô, turbantes e variados estilos afro, enviam as seguintes mensagens para a criança: “Você é linda!” “Você é necessária!”, “Você é única do jeito que você é.” Esse potencial simbólico tem o poder de transformar a relação com o próprio corpo e reduzir danos emocionais causados por situações de racismo, preconceito e discriminação.

Além de favorecer a autoestima, trabalhar o cabelo como símbolo de representatividade ajuda todas as crianças – negras ou não – a compreendê-lo como parte constitutiva de uma diversidade humana rica e plural. Esse processo contribui para a construção de uma convivência mais respeitosa, empática e livre de estereótipos.

Assim, fortalecer a autoestima através do cabelo é mais que uma prática estética: é uma ação política, educativa e afetiva. Trata-se de empoderar as crianças, afirmando que seus corpos são territórios de beleza e dignidade.



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2025.

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

## AFRICANIDADES



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2025.

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA: AFRICANIDADES

Trabalhar africanidades na Educação Infantil é fundamental para promover uma educação antirracista desde os primeiros anos de escolaridade, visto que essa abordagem fortalece a identidade, a autoestima e o respeito à diversidade. Esse trabalho contribui para romper com visões eurocentradas e possibilita que todas as crianças se reconheçam positivamente na história e na cultura

A Lei 10.639/06 foi um marco para que esse novo olhar fosse contemplado na educação em todo Brasil.

### Objetivos

- Analisar mapas e globo terrestre, aprendendo a localizar-se no mundo;
- Apreciar a beleza e a riqueza presente na cultura, na arte, na dança nas brincadeiras e na culinária africana;
- Perceber a influência das matrizes africanas em nossas práticas sociais;
- Reconhecer e valorizar a cultura africana e afro-brasileira como parte constitutiva da sociedade brasileira.
- Identificar e respeitar as diferenças étnico-raciais entre as pessoas.
- Estimular o contato com a literatura infantil afro-brasileira e negro-afetiva.
- Promover interações e brincadeiras que valorizem a diversidade cultural.

#### **Público -alvo:**

Crianças da Educação Infantil de 3, 4 e 5 anos (aplicável também nas séries iniciais do Ensino Fundamental)

Tempo estimado: 10 horas

#### **Recursos Necessários:**

Livros : A preferida do Rei; Obax; Kobumba e o tambor Diambê; Meninas Negras;  
Materiais: Papeis coloridos, cola, tesoura, mapas, globo terrestre, cartolina, tecidos, tinta guache, jornal

## RODA DE LEITURA

Esse é um tema amplo, vasto e complexo que pode ser introduzido por inúmeras literaturas infantis, desenhos animados ou reportagens.

Seguem abaixo algumas sugestões de obras envolventes e encantadoras, que evidenciam beleza, potência, riqueza cultural e paisagens apaixonantes. Vale destacar que estas são algumas sugestões dentre tantas outras que podem e devem se exploradas na sala de aula.

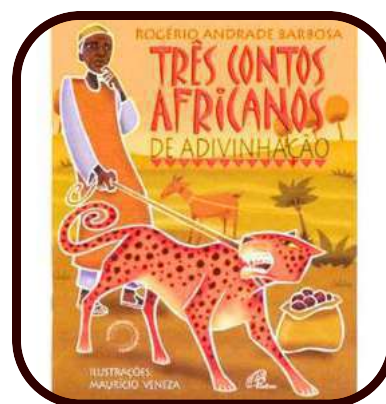
Inicie sempre preparando o ambiente (página 59) e inicie a roda de leitura com o deleite literário.

O(a) educador(a) pode ofertar todas as possibilidades de literaturas negras presentes no acervo escolar dispostos em um tapete ou dentro de uma tenda literária e deixar que as crianças manuseiem as obras, apreciem e façam suas leituras imagéticas.

Após esse primeiro momento, pode pedir ao grupo para selecionar as obras que desejarem ouvir. Pode ser realizada uma leitura por dia, duas, ou até mais, caso haja ainda atenção e interesse da turma.



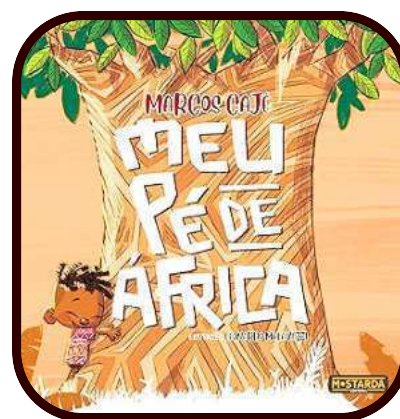
Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025

## LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Apesar de ser uma temática instigante, nem sempre é fácil abordar localização geográfica com crianças na Educação Infantil, pois exige uma abordagem lúdica, concreta e significativa, que vá além da apresentação de mapas.

Primeiramente, é fundamental partir das experiências discentes, explorando noções espaciais básicas, tais como: perto e longe, dentro e fora, aqui e lá, utilizando o corpo e o território cotidiano, sala, escola.

Deve-se, então, iniciar com a introdução de brincadeiras que ampliem as noções espaciais elementares. Posteriormente, o professor pode ampliar a compreensão para espaços maiores, introduzindo o globo terrestre ou mapas visuais, de forma acessível, mostrando onde está o Brasil e, em seguida, localizando o continente africano, explicando que ele fica do outro lado do oceano.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019

Uma estratégia divertida é propor uma viagem imaginária até a África, utilizando brincadeiras simbólicas, como um avião ou um barco feito com caixas, despertando curiosidade e engajamento.

Durante a vivência, é possível dialogar sobre a travessia do oceano e a chegada a um novo continente. Além disso, atividades de construção coletiva de mapas, com desenhos, pinturas e colagens ajudam a tornar a aprendizagem mais concreta, permitindo que as crianças representem a África com cores, imagens e elementos diversos, sempre ressaltando que se trata de um continente amplo, composto por muitos países, e diversidade de povos e culturas.

Vale destacar que é essencial, ao longo de todo o trabalho, evitar visões simplistas, que limitam o continente africano ao exótico. Deve-se apresentar a África como um continente diverso, composto por múltiplas culturas, modos de vida e histórias, pois, só assim

estaremos realmente contribuindo para uma formação crítica, comprometida com o respeito às diferenças e com a promoção da equidade racial desde a infância.

É imprescindível que o trabalho pedagógico desenvolvido rompa com a “história única” ( Adichie, 2019), ou seja, que não reduza um continente tão rico, diverso e complexo a uma visão exótica, simplista e folclorizada. Ou exclusivamente ancestral, limitada a imagens de savanas, animais ou comunidades. Embora todos esses aspectos também façam parte da riqueza presente no continente, é fundamental ampliar o olhar das crianças para que compreendam a África como um espaço que também é contemporâneo e dinâmico, que abriga grandes centros urbanos, comerciais, tecnológicos e industriais.



Fonte: Google, 2025



Fonte: Google, 2025

Para isso, podem ser realizadas pesquisas em *sites* sobre os principais centros urbanos e comerciais, ou ser apresentadas imagens, histórias e referências que mostrem cidades africanas modernas, com prédios, escolas, meios de transporte, shoppings, universidades e diferentes formas de organização da vida cotidiana.

Promover essas discussões no contexto escolar, apresentando grandes metrópoles africanas, como Lagos, na Nigéria, ou Joanesburgo, na África do Sul, contribui para romper com estereótipos cristalizados.

Vale ressaltar que essa perspectiva reducionista que cristaliza o outro pelo viés do exótico está sempre muito presente em materiais didáticos, filmes, desenhos animados e, principalmente, em obras literárias que abordam a cultura africana. Em quase todas as narrativas infantis ocorre a representação da savana, dos animais selvagens e das comunidades tradicionais como elementos centrais presentes no continente. Por isso, é fundamental complementar a temática com reflexões que agreguem novas imagens e conhecimentos e possibilite observar a diversidade tão presente nesse amplo território.

Ao incluir esse tipo de abordagem na prática pedagógica, o (a) educador(a) possibilita a construção de uma imagem mais digna, realista e respeitosa do continente, reconhecendo-o como um espaço de múltiplas temporalidades – onde tradições ancestrais e modernidade coexistem. Dessa forma, contribui para uma formação ética que combate visões racistas e reducionistas.

## MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS

É importante apresentar produções artísticas e culturais como músicas, filmes, moda, artesanato e tecnologias produzidas em diferentes contextos do continente africano, pois esse conhecimento aproxima as crianças de uma África atual, histórica e plural. Podem ser abordadas, por exemplo, as festividades em Es Atíni (antiga Suazilândia). Uma delas é a festa Incwala, que ocorre em dezembro. Esta é uma cerimônia cultural que remete à monarquia, à colheita e à preservação da cultura. Geralmente, atrai milhares de pessoas e é celebrada por meio de danças e cantos tradicionais.



Fonte: Google, 2025

Sugere-se ainda explorar o tema africanidades por meio da valorização de elementos artísticos e culturais como máscaras, trançados, turbantes, artes e cestaria. Essas propostas permitem que as crianças explorem diferentes linguagens, desenvolvam habilidades motoras e, ao mesmo tempo, construam uma relação positiva com a diversidade cultural.

O (a) educador(a) pode apresentar imagens de diferentes máscaras africanas, explicando que elas são utilizadas em festas, danças e celebrações por diversos povos africanos. Em seguida, as crianças podem confeccionar suas próprias máscaras com jornais,

papelão, tinta e cola.

Mais do que reproduzir um trabalho artístico, o importante é estimular a criação e explicar que cada máscara pode contar uma história, expressar sentimentos ou representar personagens.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019

Outra linda produção artística é a técnica de trançado. Esse trabalho favorece uma proposta que articula arte, cultura e desenvolvimento motor, ao mesmo tempo em que valoriza saberes ancestrais africanos e afro-brasileiros.

Propõe-se começar pela apresentação de imagens de trançados presentes em diferentes materiais: cestarias, tecidos, bijoterias e penteados, explicando de maneira simples que trançar é uma forma de entrelaçar materiais para criar formas, objetos e também desenhos. Em seguida, o professor pode propor a experimentação com tiras de papel colorido, previamente cortadas, convidando as crianças a entrelaçarem as tiras sobre uma base com pequenos cortes (como um “tapetinho”). Ao passar as tiras por cima e por baixo, elas começam a perceber a formação de padrões visuais, como linhas e sequências de cores.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025

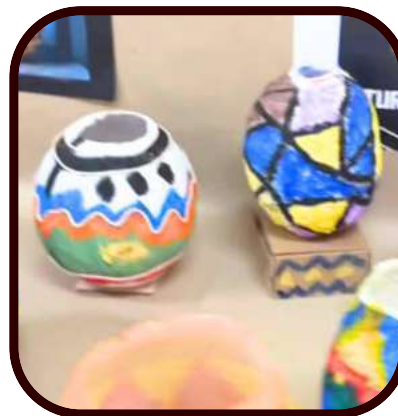


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025

Já a cestaria pode ser explorada por meio de técnicas simples de entrelaçamento com palha, rolos de jornal ou tiras de EVA, mostrando como diferentes povos utilizam esse tipo de produção no cotidiano. Podem ser criadas também cestas ou vasos com bexigas, jornal e cola, argila ou técnica de papel machê.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019



Fonte: Google, 2024.

Nas propostas de artes, é possível trabalhar com cores, formas e padrões inspirados em tecidos africanos, incentivando pinturas, colagens e produções coletivas. A ideia é se inspirar nas artes africanas e dialogar com essas referências, ampliando o repertório visual das crianças, promovendo a valorização da cultura e desenvolvendo a criatividade.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2019

O uso de turbantes pode ser explorado como expressão de identidade, proteção e beleza. As crianças podem manusear tecidos coloridos, experimentar amarrações simples e brincar de se olhar no espelho, reconhecendo-se e valorizando diferentes formas de se apresentar.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025

Estas são apenas algumas das inúmeras propostas que podem ser realizadas com as crianças no contexto da Educação Infantil. E, durante o desenvolvimento da atividade, é essencial que o professor contextualize as práticas, evitando tratá-las como simples propostas artesanais. É fundamental esclarecer que todos esses saberes são constitutivos de culturas vivas, dinâmicas e sofisticadas, presentes em diferentes regiões da África e também no Brasil. Assim, as crianças não apenas produzem, mas aprendem a respeitar, valorizar e reconhecer a riqueza das africanidades, contribuindo para a construção de uma educação antirracista desde a infância.

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

## ESCRAVIZAÇÃO E RESISTÊNCIA



Fonte: Imagem criada pelo site Copilot ,2025.

# ESCRAVIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

Dialogar acerca da escravidão e as formas de resistência na Educação Infantil é fundamental para a construção de uma educação antirracista, que reconheça a história da população negra para além da dor, da crueldade, evidenciando também a luta, as conquistas e valorizando os protagonismos. Ao abordar esse tema com crianças pequenas, é importante fazê-lo de maneira sensível, respeitosa e adequada à faixa etária, priorizando narrativas que valorizem a coragem, a coletividade, a cultura e a resistência dos povos africanos e afro-brasileiros.

## Objetivos

- Compreender que a escravidão foi um período de injustiça na história, marcado pela negação de direitos.
- Reconhecer que pessoas negras resistiram e lutaram por liberdade e dignidade.
- Conhecer figuras históricas negras que simbolizam a resistência e a luta por direitos.
- Valorizar histórias de coragem, coletividade e superação presentes na trajetória da população negra.
- Identificar e apreciar elementos da cultura africana e afro-brasileira como formas de resistência (símbolos, brincadeiras, artes, oralidade).
- Desenvolver o respeito às diferenças étnico-raciais e combater atitudes preconceituosas.
- Fortalecer a autoestima e a identidade de crianças negras por meio de referências positivas.

### **Público -alvo:**

Crianças da educação infantil de 3,4 e 5 anos (aplicável também nas séries iniciais do ensino fundamental)

Tempo estimado: 10 horas

### **Recursos Necessários:**

Livros : Dandara e Zumbi, Felipa, Mahin, Abayomi,  
Materiais: tesoura, tecidos coloridos, cartolina, rolo de fio de malha

# RODA DE LEITURA

Apresentar homens e mulheres símbolos de resistência, como Zumbi dos Palmares e Dandara dos Palmares, Maria Felipa e tantos outros, permite que as crianças conheçam figuras históricas que lutaram por liberdade, igualdade e justiça. Essas histórias podem ser contadas de forma acessível, destacando valores como coragem, determinação, ousadia, união e luta por direitos.

As narrativas que abordam resistência, quando mediadas de forma sensível e adequada, trazem inúmeros benefícios para o desenvolvimento integral das crianças. Essas histórias promovem reconhecimento e elevação da autoestima, principalmente para as crianças negras. Ao se aproximarem de narrativas que valorizam a cultura africana e afro-brasileira e que destacam figuras de resistência, como Zumbi dos Palmares, Mahin, Dandara e Maria Felipa, as crianças constroem referências positivas, que contribuem para uma autoimagem mais fortalecida.



Fonte: Google, 2025.



Fonte: Google, 2025.



Fonte: Google, 2025.

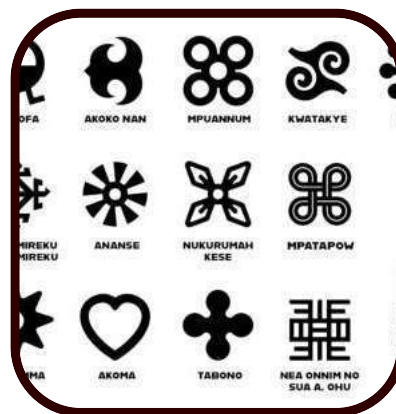


Fonte: Google, 2025.

# SIMBOLOGIA ADINKRA



Fonte: Google, 2025.



Fonte: Google, 2025.

Os símbolos Adinkra, originários dos povos Akan ( que estavam situados em Gana e na Costa do Marfim), constituem um poderoso sistema de comunicação que representam saberes, ancestralidades e filosofias africanas.

Muito além de elementos gráficos, esses símbolos expressam valores, princípios, ensinamentos comunitários, histórias coletivas e modos de ver o mundo que foram transmitidos de geração em geração.

Na diáspora africana, os símbolos Adinkra tornaram-se um potente elemento de resistência, pois permitiram dar continuidade às tradições que tentaram ser silenciadas pela escravização, pela colonização e pelas narrativas hegemônicas eurocentradas.

Esses símbolos propagam mensagens de dignidade, força, identidade e memória. Assim, preservá-los, estudá-los e utilizá-los é um gesto de afirmação de existência e de ligação com as raízes africanas.

Em sociedades marcadas pelo racismo estrutural, os símbolos Adinkra tornam-se instrumentos importantes para recuperar histórias apagadas e reafirmar a potência intelectual e filosófica dos povos africanos. Trabalhar esses símbolos na escola, por exemplo, é uma forma de romper com a visão limitada e folclorizada da África, apresentando-a como um continente de sofisticadas produções simbólicas, sistemas de pensamento e tecnologias ancestrais.

## Abayomi



Fonte: Google, 2025.

A boneca Abayomi foi tema de pesquisas acadêmicas, enredo de escola de samba e documentários. Essa é uma ótima estratégia para trabalhar afetividade, representatividade e resistência nas escolas. Essa linda bonequinha, produzida por uma técnica simples de sequência de nós, feita de pano e sem costura, ficou conhecida mundialmente, tornando-se um símbolo nacional de valorização da identidade e cultura negra. O nome "Abayomi", na língua iorubá, significa "encontro precioso".

A boneca Abayomi foi criada pela artesã Waldilena Martins, que atualmente ensina outras mulheres a confeccionarem essa arte em oficinas. Através de suas criações a artesã busca resgatar a autoestima e o sentimento de pertencimento da comunidade negra.

Nascida em São Luís, no Maranhão, Lena Martins mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança.

Ela é arte-educadora, animadora cultural, escritora e militante do Movimento de Mulheres Negras. Lena considera seu trabalho com a boneca Abayomi um "ativismo poético e afetivo". A boneca foi criada em 1987, enquanto trabalhava como animadora cultural no CIEP na Cidade de Deus, Rio de Janeiro. A boneca é feita de retalhos de tecido preto, sem uso de cola ou costura, utilizando apenas nós e amarrações.



Fonte: Google, 2025.

Seguem abaixo sugestões de como produzir a bonequinha Abayomi com as crianças, que podem ser realizadas de forma individualizada ou em grupo.



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025

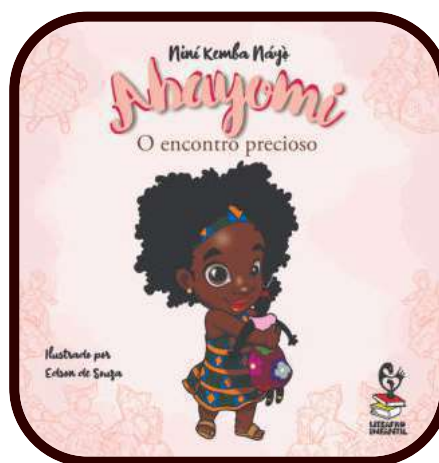


Fonte: Acervo pessoal da autora, 2025

Segue também o link do passo a passo de como fazer a boneca Abayomi, e uma sugestão de literatura infantil negro-afetiva e que traz uma homenagem à artesã Lena Martins: Abayomi: encontro precioso de Nini Kemba Nayó.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wD7z27RjeNc>



Fonte: Google, 2025.

## AULA PASSEIO: QUILOMBO DO GROTÃO

O Quilombo do Grotão é um espaço de resistência e valorização da cultura negra. Está localizado na cidade de Niterói, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Com mais de 70 anos de história, o Quilombo do Grotão consolidou-se como território de cultivo das raízes da cultura afro-brasileira no estado.

O Quilombo do Grotão é uma comunidade tradicional com quase 100 anos de história, certificada pela Fundação Cultural Palmares em 2016. Fundado na década de 1920 por Manoel Bonfim e Maria Vicência, descendentes de negros escravizados de Sergipe, o local surgiu a partir do trabalho em fazendas locais. Atualmente, é um ponto de cultura que preserva samba, feijoada, capoeira e a memória afro-brasileira.

E uma ótima oportunidade para criar conexões é propor um passeio cultural ao Quilombo do Grotão.



Fonte: Google, 2025.



## Considerações finais

Este *e-book* buscou, por meio de propostas didático-pedagógicas e sugestões de literaturas infantis negro-afetivas, oferecer ao(à) leitor(a) possibilidades de promover ações que contemplassem a igualdade racial na Educação Infantil.

Nosso objetivo é que este caderno promova a formação cidadã, crítica e consciente das crianças, contagie colegas de trabalho e alcance famílias e comunidades escolares através das reflexões e práticas pedagógicas dos profissionais que por aqui passarem.

Desejamos ter colaborado com ferramentas práticas e teóricas para abordar as questões étnico-raciais de maneira eficiente, sensível, ética e afetiva.

Acreditamos que, ao valorizar e integrar as histórias e culturas afro-brasileiras no ambiente escolar, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, consciente, plural e antirracista.

Este é um Produto Educacional simples, mas não simplório. Pensado e planejado com muito carinho e cuidado para conectar saberes e fazeres em prol de uma educação democrática.

Agradecemos a todas as profissionais da Educação Infantil que com generosidade, escuta atenta e comprometimento contribuíram com sugestões, reflexões e críticas construtivas ao longo do processo de elaboração deste caderno. Os apontamentos e as sugestões foram fundamentais para o aprimoramento deste material. As partilhas revelam o quanto a construção de práticas pedagógicas mais significativas se fortalece quando nasce das trocas, da escuta e da vivência formativa

Assim, este material se apresenta como um convite ao movimento, à escuta e à construção coletiva, reconhecendo que as práticas educativas se reinventam continuamente no encontro entre experiências, saberes e sujeitos. Que estas páginas possam, portanto, provocar reflexões, inspirar práticas e abrir caminhos, sempre inacabados, para a construção de uma educação mais justa, plural e antirracista.

Sigamos juntos nessa luta!



## AS AUTORAS

Meu nome é Izabel Cristina, professora da Educação Infantil do município de Niterói há 15 anos e aluna do MPPEB, na linha de pesquisa Prática Docente e Formação Continuada. Pós-graduada em Letramentos e Práticas Educacionais, pelo CEFET-RJ e formada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense.



Meu nome é Esther Kuperman professora titular do Departamento de Pesquisa e Pós-graduação do Colégio Pedro II. Formada em pós doutorado em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008). Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. Ilustrações de Adriana Mendonça. São Paulo: IBEP, 2007.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm). Acesso em: 20 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

CANDAU, Vera Maria. (org.). **Pedagogias decoloniais e interculturalidade: insurgências**. Rio de Janeiro: Apoená, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTILHO, Suely Dulce de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2004. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418>. Acesso em: 19 fev. 2026.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (Org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Summers, 2001.

\_\_\_\_\_, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_, Eliane; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTO, Nelita. (orgs.) **Literatura infantil e juvenil: do literário a outras manifestações estéticas**. SC: Copiart: Unisul, 2016.

DUARTE, E. de A. Literatura afro-brasileira: elementos para uma conceituação. **Acervo**, v. 22, n. 2, p. 77–90, 2009. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/9>. Acesso em: 10 jan. 2026.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da Associação Brasileira De Pesquisadores/As Negros/As (Abpn)**, v.6, n14, 236–263, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141> Acesso em: 13 nov. 2025.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, v. 29, p. 167–182, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/sGzxY8WTnyQQQbwjG5nSQpK/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2024.

\_\_\_\_\_. Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98–109, 2012. Disponível em: [http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5\\_Gomes\\_N%20L\\_Rel\\_etnico\\_raciais\\_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf](http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf). Acesso em: 30 set. 2024.

\_\_\_\_\_. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 11–26, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/hZmCNP5MtfGB3CDvRbM8nFF/>. Acesso em: 04 mai. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. trad. Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

NYONG'O, Lupita. **Sulwe**. Ilustrações de Vashti Harrison. Tradução de Ryane Leão. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2021.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. O que é uma educação decolonial. **Nuevamérica** (Buenos Aires), v. 149, p. 35-39, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; SILVA, Danielle Tudes Pereira. Os significados da perspectiva Modernidade/Colonialidade. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 11, n. 24, p. 116-135, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/873>. Acesso em: 13 mar. 2025

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: [https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 10 jun. 2024.

RANDO, Silvana. **Peppa**. São Paulo: Brinque-Book, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ROSA, Sônia. Literatura negro afetiva para crianças e jovens. **Portal Géledes**, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literatura-negro-afetiva-para-criancas-e-jovens/> Acesso em: 25 out. 2024.

\_\_\_\_\_, Sônia. **Literatura infantil afrocentrada e letramento racial: uma narrativa autobiográfica**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Veneta, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

WALSH, Catherine; CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Colonialidade e Pedagogia Decolonial: Para Pensar uma Educação Outra. **Archivos Analíticos De Políticas Educativas**, v. 26, p. 2-11, 2018.